

Oposição repudia interferência do general na sucessão

Derrota do racismo na África do Sul

Governo do apartheid tentou atrair mestiços para seu lado, mas não obteve sucesso. Veja na pág. 2

Entidades de favelados do Ceará fazem Congresso

Mais de 1.200 delegados reunidos em Fortaleza apóiam Tancredo contra Maluf e o regime. Pág. 6

EDITORIAL

Minoria radical

Há tempos o general Figueiredo classificou como "impatriótica" a luta por eleições diretas já. E impôs a ferro e fogo a via do Colégio Eleitoral para a sucessão. Agora o general Walter Pires taxa de "desertores" os participantes da Frente Liberal, por cometerem o "crime" de discordar de Paulo Maluf e apoiar Tancredo Neves. E ainda qualifica o movimento oposicionista como "orquestração ruidosa de minorias radicais e estereis que desejam semear apenas a desordem e o caos".

Apesar de merecer o mais veemente repúdio, este tipo de pronunciamento tem o mérito de mostrar com absoluta precisão o significado da palavra democracia na boca dos generais. Para eles o "direito" do povo é bater continência e obedecer cegamente às ordens dos chefes. Quem não aceita isto é impatriótico, desertor, agitador e baderneiro.

É de se prever portanto uma radicalização acelerada da luta política, simultânea com o avanço da sucessão. A maioria dos brasileiros une-se para pôr fim ao sistema de arbítrio vigente no país e busca abrir caminho para uma transição democrática. Enquanto isto os generais se desatinam e apelam para as mais torpes manobras a fim de manter em suas mãos o monopólio do poder... e os privilégios que esta posição lhes assegura. Neste sentido é que se poderia de fato falar em "minoria radical" e em "desordem".

Mas a realidade é adversa aos golpistas. O próprio vice-presidente Aureliano Chaves expressou o sentimento das forças oposicionistas ao reafirmar que continuará trabalhando pela candidatura Tancredo Neves "serenamente, firmemente, sem nenhum tipo de provocação, mas disposto a resistir a qualquer tipo de pressão".

Enganam-se os que imaginam que o simples bater pé dos militares resolverá as coisas a favor de Paulo Maluf e da conti-

nuidade do regime. Durante 20 anos o povo enfrentou a ditadura em condições muito piores. Agora, em cada fábrica e em cada bairro, os trabalhadores se organizam para defender seus interesses. E os majestosos comícios que levaram milhões de pessoas às ruas mostraram concretamente o caminho da unidade das mais amplas forças democráticas e populares contra o regime militar. Mesmo diante das medidas de emergência e das trapaças que forçaram o Colégio Eleitoral como método de escolha do presidente da República, as oposições tiveram a sagacidade de se unir em torno de um candidato de ampla aceitação para derrotar o continuísmo. Ao mesmo tempo não perderam nenhuma oportunidade para tentar a conquista das diretas já.

Diante disto, embora não se possa cair no triunfalismo infantil, as forças democráticas estão criando concretamente condições para a vitória.

Nesta batalha árdua que se anuncia, a questão chave continua sendo a participação efetiva das grandes massas. No terreno dos gabinetes e das cúpulas o clima é mais propício para a chantagem e a corrupção. A presença do povo nas ruas, pelo contrário, constitui obstáculo eficaz para estes métodos malufistas. E representa também resposta à altura contra a intromissão dos generais no processo sucessório.

É hora de dar um basta à situação de calamidade em que a ditadura atirou o Brasil. E de deixar estabelecido de uma vez por todas que embora os militares devam ter o direito de participar da vida pública como qualquer cidadão, é inteiramente descabido fazer do Exército um partido político e, mais do que isto, tentar utilizá-lo para fazer campanha eleitoral de Paulo Maluf. É hora da maioria - imensa maioria - conquistar e fazer funcionar verdadeiramente a democracia.

"Não nos devemos impressionar com a orquestração ruidosa das minorias radicais, nem com a atitude daqueles que, desertando de seus compromissos, apressam-se agora em tecer um futuro que lhes aparece mais propício"
General Walter Pires



"Podem rugir os leões, sorrir histericamente as hienas, que nós vamos até o final, conscientes e serenamente"
Vice-presidente Aureliano Chaves

O general Walter Pires, ministro do Exército, acusou de desertores e atacou violentamente os que romperam com o governo por preferirem Tancredo Neves a Paulo Maluf. Chegou mesmo a "desconvidar" o vice-presidente Aureliano Chaves para as solenidades do dia de Caxias e do 7 de Setembro. Diante do esvaziamento da candidatura Maluf, os generais passam a interferir abertamente na sucessão, despertando o repúdio generalizado das oposições e do povo.

Página 3

Encontro da CUT reafirma linha anti-sindical

Falta de representatividade na reunião cutista. Pág. 7

Metalúrgicos obtém reajustes trimestrais

40 greves em dois meses na onda grevista de S. Paulo.

Pág. 7

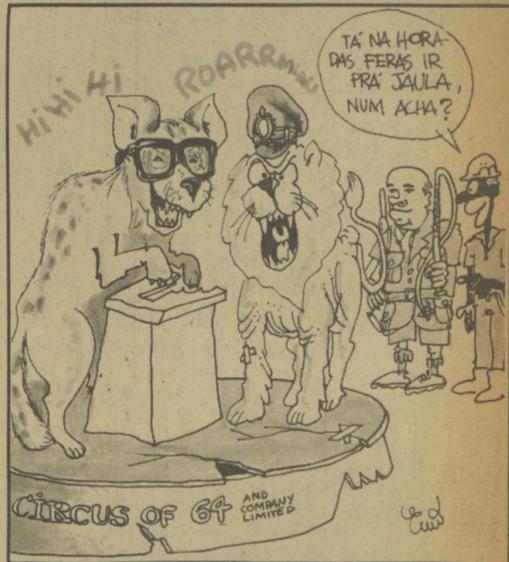


Foto Milton Mendes Filho

Operários paralisados discutem rumos da luta salarial

Clima de guerra nas fábricas de Camacari

Petroquímicos baianos em greve contra a fome enfrentam brutal repressão policial-militar. Pág. 10

Pela união dos jovens em favor do socialismo

Artigo de Aldo Rebelo, ex-presidente da UNE, sobre uma nova organização da juventude. Pág. 5

A história de mentira que as escolas ensinam

Foi mesmo D. Pedro quem fez a independência? O negro nasceu para ser escravo? Respostas pg. 9

Dulce Figueiredo gasta Cr\$ 30 milhões em 7 dias no Rio

Apresentamos a República, passeia pelas praias cariocas e insulta o povo. Leia na p. 3

Boicote dos mestiços faz eleição racista fracassar

Nos últimos dias 22 e 28 realizaram-se na África do Sul eleições para a escolha de representantes no Parlamento — inclusive mestiços e asiáticos. Cerca de 80% dos eleitores não brancos boicotaram o pleito, em protesto contra a discriminação da maioria negra da população, que ainda hoje não tem sequer o direito de voto.

As eleições são parte de uma série de reformas constitucionais adotadas para "abrandar" o regime do apartheid, que instituiu a separação entre brancos e negros na África do Sul (veja quadro). O objetivo mais visível do primeiro-ministro Piether Botha foi o de atrair os chamados mestiços e os indianos para isolar a maioria negra, que representa 73% da população, mas

não tem qualquer representação parlamentar.

Ainda assim, os 80 deputados eleitos pelos 900 mil eleitores mestiços, bem como os 40 de origem asiática, têm direito apenas de interferir em questões das suas comunidades. Os problemas de alcance nacional, como política externa e defesa, e o próprio racismo interno, são tratados apenas pelos representantes da po-

pulação branca. Estes, que são 116, controlam de fato o poder de decisão.

A África do Sul é uma rica ex-colônia britânica que reúne reservas de ouro, urânio e diamante em quantidades que fazem do país o terceiro produtor de minérios do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos e da União Soviética. Sua economia é dominada pela minoria branca formada por descendentes de holandeses — os *afrikaners* — e de ingleses.

Os brancos constituem 16% da população, com ligeira predominância dos *afrikaners* sobre os ingleses. Foram os primeiros que,

chegando ao poder, erigiram o racismo em política de Estado, transformando em lei as odiosas discriminações contra os negros, mestiços e indianos.

A dominação dos descendentes de holandeses se sustenta em uma sociedade secreta conhecida como Irmandade Afrikaner, muito semelhante à Ku Klux Klan norte-americana. Foi a Irmandade que deu origem ao Partido Nacional, a que pertence o atual primeiro-ministro Botha.

ISOLAMENTO

A aplicação do apartheid chegou a extremos de crueldade que revoltaram a opinião pública internacional. É o caso dos chamados bantustãs, povoados "independentes" habitados por negros, cuja população é considerada "estrangeira" em qualquer outro ponto do país. Os bantustãs foram formados com a transferência obrigatória de moradores de outras cidades, como Sowetto. Desde 1960, 3,5 milhões de pessoas fizeram esta "mudança".

O isolamento internacional a que chegou o regime racista se traduziu em resoluções anti-apartheid da ONU que, apesar de não acatadas pelo governo, causaram-lhe uma série de inconvenientes. As competições esportivas internacionais oficiais, por exemplo, estão proibidas de serem realizadas na África do Sul, e atletas que delas participarem, sujeitos a punições. A África do Sul também não pode participar de Olimpíadas.

A estas dificuldades no plano externo somam-se os crescentes protestos da maioria negra por seus direitos. Criado em 1912, o Congresso Nacional Africano (CNA), defensor inicialmente dos princípios da "não violência", foi obrigado pela violência das classes dominantes lançar mão de ações armadas. São muitos os mártires do CNA, entre os quais três militantes enforcados em setembro de 1982, apesar do clamor mundial pela comutação de suas penas.

A lembrança de episódios como o sangrento massacre de Sowetto, em 1976 — quando foram assassinados mais de 600 negros —, fez com que surgisse a divisão mesmo entre os *afrikaners*. Fiéis ao apartheid em sua versão sem retoques formaram o grupo dos *verkramp*, que viriam a abandonar o Partido Nacional. O atual chefe de governo, Botha, lidera os *verligte*, uma fração adepta de reformas que amenizem o racismo e permita a sua sobrevivência por mais tempo, ajudando a romper o isolamento diplomático que pesa sobre o país.

MUDANÇAS DE FACHADA

Fruto das recentes mudanças na Constituição, Botha fez em julho uma turnê pela Europa. Mesmo recebido com protestos da opinião progressista dos países que visitou, ele conseguiu um pouco mais de espaço político. A África do Sul busca parceiros mais constantes para fazer frente ao bloqueio econômico imposto por países com governos progressistas.

A eleição dos representantes mestiços ao parlamento sul-africano pouco significa em termos de mudanças no apartheid. Não bastassem as limitações impostas pela Constituição aos deputados, acertadas antes entre a minoria branca, persiste a odiosa discriminação contra os negros.

Os resultados, com o elevado índice de abstenções, marcam uma vitória dos revolucionários negros do CNA, que conseguiram atrair para si a maioria dos mestiços e explorar as divisões entre a classe dominante branca. (Silvio Queiroz)



Militares investem contra os opositores no Peru e mantêm cemitérios clandestinos

Regime peruano mata e esconde os corpos

Um cemitério clandestino da polícia, com 51 corpos, segundo informações da Procuradoria Geral, ou 89, conforme outras versões, foi localizado sexta-feira, dia 23, no Peru. Os cadáveres foram encontrados por camponeses em Huanta, uma das sete províncias do departamento de Ayacucho, controlada pelos fuzileiros navais do governo.

As vítimas foram fuziladas à queima-roupa, depois de torturadas. Os cadáveres — tudo indica, de presos políticos — apresentavam os crânios esmagados, estavam empilhados, as mãos atadas aos corpos e os olhos vendados, indicando um assassinato em massa. Próximo ao cemitério foram descobertos cartuchos de balas calibre 22 e fragmentos de granada.

O governo de Fernando Belaunde Terry procurou esconder o fato da opinião pública, ao mesmo tempo em que divulgou versões atribuindo a autoria dos atentados ao grupo guer-

rilheiro Sendero Luminoso. A descoberta do cemitério clandestino da polícia peruana causou uma grande revolta na população.

Centenas de parentes de pessoas desaparecidas se concentraram diante do necrotério de Huanta, em busca de informações sobre os mortos. O fato é conseqüente do crescente domínio dos militares sobre a vida política do Peru, acompanhado pela fascistação do país.

Na sexta-feira, dia 23, uma passeata contra a violência preparada por forças democráticas em Lima, capital peruana, foi duramente reprimida pelo exército daquele país. A cidade foi ocupada pela repressão, numa ação diretamente ordenada por Fernando Belaunde Terry, que mantém aquele país em "estado de emergência" desde o dia 8 de junho, a pretexto de combater "os elementos subversivos".

Oposição marca jornada de protesto no Chile

Para os próximos dias 4 e 5 está programada uma nova Jornada Nacional de Protesto contra a ditadura do general Augusto Pinochet, que completa 11 anos neste mês. Estão previstas grandes manifestações, ao meio-dia, no centro de todas as cidades do país, convocadas por sindicatos e outras entidades populares e democráticas.

O regime militar montou um poderoso esquema repressivo. O governo de Pinochet tem recorrido, cada vez mais, a métodos fascistas. Na sexta-feira, dia 23, nove patriotas foram assassinados pela polícia chilena. Dois dias antes, Pinochet havia declarado que seu governo está "em guerra total contra os comunistas", deixando claro que promoverá uma nova escalada de repressão contra as forças populares e democráticas.

EPL assina trégua com o governo da Colômbia

No último dia 23 foi assinada a trégua entre o governo da Colômbia e as forças revolucionárias que atuam no país. A trégua foi comemorada pelo povo com comícios em todo o país. Uma manifestação em Medellín, promovida pelo Exército Popular de Libertação (EPL), braço armado do Partido Comunista da Colômbia (marxista-leninista), reuniu 10 mil pessoas.

O acordo assinado com o governo de Belisário Betancur prevê, entre outras coisas, a revogação do estado de sítio decretado em 30 de abril. Além do EPL, o Movimento Revolucionário 19 de Abril e o grupo Auto Defesa Operária (ADO) assinaram o cessar fogo. Os guerrilheiros manterão as armas.

Além da trégua e do fim do estado de sítio, o acordo firmado entre os guerrilheiros e o governo colombiano estipula a abertura de um diálogo nacional "para estudar e assentar as bases das reformas políticas, econômicas e sociais de que o país necessita"; suspensão de todos os processos judiciais contra as organizações revolucionárias; investigação das denúncias sobre o desaparecimento de pessoas; adoção de medidas contra os grupos paramilitares de extrema-direita e garantia do exercício pleno das liberdades de expressão, reunião e associação.

Enfrentamentos armados com a ditadura nas Filipinas

A luta guerrilheira contra a ditadura de Ferdinand Marcos nas Filipinas vem se intensificando. Na segunda-feira passada, 19 pessoas morreram em choques ocorridos entre guerrilheiros do Novo Exército Popular e soldados do regime na província de Aklem no centro do país. Na cidade de Libacao rebeldes atacaram uma patrulha, matando o prefeito Sol Legaspi, dez soldados e três membros das milícias organizadas pelo governo. Nesse confronto, saíram sete pessoas feridas. Em Bontoc, guerrilheiros emboscaram uma patrulha, matando quatro soldados. A violência revolucionária tem se combinado com grandes

pressões de massa que estão levando o regime a um isolamento político a cada dia maior.

Combativo apoio à greve dos mineiros britânicos

A greve dos mineiros ingleses já dura 25 semanas. E desde a sexta-feira da semana passada, conta com a solidariedade dos portuários, que também decidiram paralisar as docas. O governo britânico, com sua "dama de ferro", continua intransigente. Tem respondido ao movimento à base da repressão e com iniciativas no sentido de dividir os mineiros e minimizar a grande solidariedade que estão recebendo de outras categorias de trabalhadores.

As prisões de grevistas se sucedem dia a dia. Mais de mil mineiros já foram detidos pela polícia. Na semana passada ocorreram vários choques entre os grevistas e a repressão. Os mineiros chegaram a saquear supermercados e incendiaram veículos para armar barricadas contra a polícia que pretendia impedir os piquetes.

Cerca de 19 docas da Inglaterra estão paradas, entre as quais as de Liverpool, Hull, Fleetwood e Tilbury. Os mineiros lutam contra o fechamento de 20 minas e a conseqüente demissão de 25 mil operários. O governo não quer atender a esta reivindicação e está provocando uma radicalização a cada dia maior da luta.

Israel promove massacre de palestinos no Líbano

Um bombardeio aéreo desencadeado pelo governo israelense contra um acampamento palestino em Majdel Anjar, no vale de Bekka, no Líbano, causou a morte de pelo menos 25 pessoas na última terça-feira. Outras 70 ficaram soterradas.

Foi o terceiro ataque de Israel contra as forças palestinas neste mês, o que revela uma intensificação da agressividade sionista. A violência foi qualificada de "rotineira" pelo comando militar israelense.

Debate sobre o socialismo da Albânia em Londrina

Mais de 200 pessoas se reuniram no último dia 25 na Faculdade SESULOM, em Londrina, Paraná, para assistir a uma palestra sobre o socialismo na Albânia, com o diretor cultural da Associação de Amizade Brasil-Albânia, José Reinaldo Carvalho, e o jornalista Luis Alberto Amaral Manfredini, também membro da AABA, que em janeiro deste ano realizou uma visita de três semanas à Albânia.

O público, formado por uma maioria de jovens, dirigiu aos dois conferencistas inúmeras perguntas que propiciaram um rico e saudável debate sobre a construção do socialismo na Albânia. O evento foi promovido pela sucursal local da Tribuna Operária, pelo Diretório Acadêmico da Faculdade SESULOM e pela Associação de Amizade Brasil-Albânia e se insere no quadro das atividades dos amigos da Albânia no Brasil para comemorar o 40º aniversário do triunfo da Revolução Popular albanesa, em 29 de novembro.



Nas eleições sul-africanas os negros só foram chamados para limpar o local de votação

Odiosa trajetória do apartheid

A história do apartheid confunde-se com a própria história da África do Sul. Quando os brancos pisaram o solo sul-africano, já foi com intenções exploratórias — os genoveses, em 1291. Mas os brancos chegaram mesmo para ficar em 1652, quando foi instalada a primeira colônia holandesa — e o governador Van Riebeeck mandou construir um forte, para aquartelar suas tropas que buscariam submeter os negros nativos.

São os descendentes dos holandeses que formam hoje a principal fração da classe dominante sul-africana — os *afrikaners*. Ao longo da história da colônia, holandeses e ingleses tiveram desavenças. A Inglaterra acabou predominando na exploração da colônia, mas os *afrikaners* detiveram em suas mãos o poder local. Estes se organizaram num partido político — o Partido Nacional, que está no poder. Um de seus líderes, Hendrik Frensch Verwoerd, foi quem introduziu a doutrina racista no poder — embora o racismo existisse como sistema desde a chegada dos colonizadores.

Verwoerd era holandês, filho de um missionário, e simpatizava com o Partido Nazista, de Hitler. Quando foi à África do Sul, com o pai, desenvolveu nesse país campanhas antibritânicas (o governo inglês, na época, era soberano na colônia) e anti-semitas. Em 1950 tornou-se ministro dos Problemas Indígenas na África do Sul, e introduziu o apartheid como ideologia do governo. O termo *apartheid* pertence ao *afrikander*, e quer dizer "separação". Verwoerd defendia a separação das raças: "Cada raça com seus semelhantes". Seu colega, Strijdom, ideólogo dessa teoria espúria, deixou mais claro o seu significado: "O problema fundamental é preservar a raça branca e a civilização ocidental" (aqui, como na doutrina de Segurança Nacional — em voga entre os militares brasileiros —, "civilização ocidental" quer dizer sistema imperialista).



Criança negra atingida por bomba de gás

LEIS RACISTAS

As leis racistas da África do Sul formam um amontoado jurídico onde o direito de explorar os trabalhadores — em especial o negro — é o predominante. Eis algumas dessas leis, todas em vigor até hoje:

Native Land Act (de 1913, reformulada em 1936): os negros, mestiços e asiáticos (84% da população) podem ficar com 13% do território do país; aos brancos (16% da população) cabem os 87% restantes. **Mines and Works Amendment Act** (de 1927): os empregos de melhor remuneração e os cargos de chefia só podem ser ocupados por brancos; os negros e outros não brancos não podem ter certificados ou diplomas. **Bantu Consolidation Act** (de 1945): dá direito aos inspetores de trabalho (sempre brancos) de proibirem os negros de trabalhar em qualquer local do país. **Industrial Conciliation Act** (de 1956): proíbe que trabalhadores brancos e não brancos pertençam a um mesmo sindicato. **Group Areas Act n.º 41** (de 1950): determina as zonas onde os não brancos podem morar — logicamente, longe dos brancos. **Prohibition of Mixed Marriage Act** (de 1949) e **Immorality Amendment Act** (de 1950): proíbem o casamento e o relacionamento sexual entre brancos e negros. **Reservation of Separate Amenities Act** (de 1953): estabelece que nos logradouros públicos haja lugares separados para brancos e não brancos. **Extension of University Education Act** (de 1959): proíbe não brancos nas universidades brancas — note-se que, em 1980, dos 104.814 estudantes do ensino superior, 95.881 eram brancos...

Além dessas leis, para esmagar a ferro e sangue as revoltas populares, em 1977 o governo racista decretou a imunidade dos funcionários do Estado em "excessos" que cometam — e sempre cometem — na repressão às manifestações de protesto de não brancos. A discriminação atinge todas as manifestações da vida — e também da morte: a taxa de mortalidade dos brancos é de 8,4 para cada mil; a dos negros é de 12,8 para cada mil! Em mãos brancas concentram-se 69% dos salários pagos no país, sobrando aos negros 21% e o restante a mestiços e hindus. Um professor primário branco ganha um salário três vezes superior ao de seu colega de profissão de pele negra. O analfabetismo atinge 40% dos não brancos, mas inexistem analfabetos brancos.

Para garantir tal sistema — oralmente condenado pelo conjunto dos países capitalistas, mas militar e comercialmente reforçado principalmente pelos Estados Unidos, Inglaterra, Israel, Alemanha e Japão, o governo do primeiro-ministro Piether Wilhelm Botha conta com quase 100 mil homens armados até os dentes. A greve é proibida; as manifestações populares são selvagememente reprimidas, ocorrendo milhares de mortes no metrô-lamento dos manifestantes; e a tortura é a norma vigente em qualquer interrogatório. (Carlos Pompe)

General Pires põe a mão na sucessão

São reveladoras as recentes investidas do general Walter Pires contra quem apóie a candidatura Tancredo Neves. Atestam, primeiro, que na crise sucessória é balela a apregoada neutralidade da cúpula militar, caroço duro do regime. Segundo, que os generais fizeram as contas e sabem que, hoje, perderiam. Terceiro, que não se conformam com tal resultado.

O general Pires agiu com ostensiva arrogância. Primeiro, "desconvidou" o vice-presidente Aureliano Chaves para as solenidades militares do 25 de Agosto, aniversário de Caxias e Dia do Exército. O mesmo "desconvide" se estenderá também ao desfile de 7 de Setembro. Como se isso não bastasse, o general encaixou em sua ordem do dia — lida em todas as unidades do Exército — um ataque frontal não só aos "radicais" de sempre, mas também aos dissidentes do PDS, chamados até de desertores.

A ordem do dia não ousa dar nome aos bois. Obediente à tradição dos textos políticos dos militares, refugia-se nas insinuações e entrelinhas. Porém todos os observadores políticos do país entenderam muito bem qual era o truculento recado, e a quem se destinava.

O TROCO DE AURELIANO

Tanto assim que Aureliano Chaves, um dia depois, deu o troco ao general. Abandonando as cautelas de tempos atrás, que chegaram a atrasar a dissidência no PDS, o vice-presidente mostrou que, quando quer, sabe ser firme. Também sem citar nomes, criticou os "que estão com a boca torta pelo uso do cachimbo do poder", além da alusão aos leões raivosos e sorridentes hienas, que não é difícil descobrir quem sejam. Confirmou-se assim, mais uma vez, que a radicalização do enfrentamento com o regime freqüentemente não depende da vontade dos líderes políticos, mas é imposta por circunstâncias objetivas as quais é necessário entender.

Se dependesse de vontades, como conceber que o general Pires trocasse desaforos dessa ordem com o vice-presidente Aureliano Chaves, que ainda há semanas dizia-se "homem do movimento de 1964"? No entanto os desaforos estão trocados, e seríssimas agravantes da parte de Walter Pires. Sua ordem do dia comprometeu ostensivamente o Exército com a disputa sucessória, em favor de Paulo Maluf. E contém ataques notórios à figura do vice-presidente da República, que em caso de impedimento do presidente assume, entre outras, a função de comandante supremo das Forças Armadas e, portanto, superior hierárquico do general Pires.

PROVOCAÇÕES À VISTA

Se ainda assim a ordem do dia foi lida, é sinal de que o ministro do Exército e seus pares tencionam interferir mais aberta e duramente na sucessão — mesmo às custas de violar as limitações constitucionais de seus cargos, como, de resto, estão cansados de fazer desde 1964. Eles deram-se conta de que a candidatura situa-

cionista de Paulo Maluf começou a deteriorar-se aceleradamente no dia mesmo em que se consagrou, a 11 de agosto. Mesmo no caso de a sucessão passar pelo Colégio Eleitoral ilegítimo, as últimas estimativas falam em cerca de 130 votos de vantagem para o candidato da oposição. Daí as frases ameaçadoras do general Pires, que, aliás, já foi lembrado pelo próprio João Figueiredo como uma possível alternativa fardada para o caso de o regime se ver ameaçado.

É possível que daqui por diante esse tipo de provocações se amiúde, em busca da oportunidade de tentar trazer o país de volta à ditadura. Maturidade, mas também firmeza e sobretudo amplo respaldo de massas serão os melhores antídotos das forças populares e da candidatura única oposicionista contra os provocadores.



O ministro do Exército: ataque aos "radicais" e "desertores"



A batalha da sucessão

Uma urna da Tribuna Operária em Porto Alegre

Tancredo vence prévia gaúcha

O candidato das oposições, Tancredo Neves, obteve 1.503 votos dos 1.574 depositados por populares numa urna improvisada durante uma prévia realizada no último dia 22, na "esquina democrática" de Porto Alegre. Confirmou, assim, sua popularidade. Paulo Maluf teve apenas 50 votos, mostrando o quanto é repudiado pelo povo; 14 votos foram nulos e sete brancos. A prévia foi promovida pela sucursal da Tribuna Operária.

Viração apóia candidato único

No III Encontro Estadual da Juventude Viração do Amazonas, realizado nos dias 18 e 19 últimos, 400 estudantes secundaristas manifestaram apoio ao candidato único das oposições, Tancredo Neves, reafirmando a luta pelo fim do regime. O encontro contou com a participação do deputado federal Raulo Bitencourt, do Estadual João Pedro, do vereador Ademir Carioca e de Eronildo Baga Bezerra, representando a Comissão pela Legalidade do PC do Brasil.

Pesquisa dá vitória à oposição

Uma pesquisa realizada pelo Ibope, a pedido da revista Isto É, do jornal Gazeta Mercantil e da TV Bandeirantes, revela que 63,3% da população apóiam o candidato único das oposições à Presidência da República, Tancredo Neves. Somente 21,2% preferem o presidencialismo do regime, Paulo Salim Maluf.

Desespero dos situacionistas

Se a eleição presidencial fosse realizada hoje, Tancredo Neves contaria com uma vantagem de 136 votos sobre Paulo Maluf (368 contra 232), segundo levantamento feito pela Frente Liberal. Existiriam 86 votantes indecisos ou indefinidos. A previsão, divulgada sexta-feira, dia 24, aumentou o desespero nas hostes malufistas.

Malufista admite a derrota

A realidade não está nada favorável ao senhor Paulo Maluf. Até mesmo ferrenhos partidários de sua candidatura, como o senador Passos Porto (PDS-SE), já não conseguem esconder o pessimismo. "Se a eleição fosse hoje, o Tancredo ganhava", assegurou Porto durante uma entrevista à imprensa na segunda-feira passada.



Showmício atraiu 10 mil na capital mineira

Mineiros vão apoiar Paulo Maluf

No Showmício em defesa da saúde e da educação, realizado dia 26 na Praça do Papa, em Belo Horizonte, toda vez que o nome de Maluf era citado o povo vaiava. Apesar da chuva e do frio intenso, a manifestação reuniu 10 mil populares. Discursaram representantes da Andes, Fasbra, UNE, PMDB, PDT, PT, CUT, Conclat e do Partido Comunista do Brasil, entre outros.

Mulher não é cidadã de segunda

Continuam as defecções dentro do PDS. Segunda-feira, a secretária-geral do Movimento da Mulher Democrática e suplente do Diretório Nacional do PDS, Ana Maria Mendonça, renunciou aos dois cargos. Declarou-se insatisfeita com o candidato do regime que, em seu programa, reduz a mulher "à condição de cidadã de segunda categoria". No mesmo dia, o senador Martins Filho (PDS-RN) desligou-se do partido governista.

Encontro Popular em Goiânia

No próximo dia 10, em Goiânia, será realizado o Encontro Popular e Democrático para apoiar a candidatura de Tancredo à Presidência e discutir o programa mínimo das oposições. Convocado por entidades democráticas e populares, o encontro "será um fórum onde o povo discutirá a necessidade da ruptura dos acordos com o FMI, Constituinte, Reforma Agrária e outros pontos", conforme o deputado Aldo Arantes.

Frente Democrática no Ceará

Uma grande concentração popular no Teatro José de Alencar, na última sexta-feira, em Fortaleza (Ceará), marcou o lançamento oficial da Frente Democrática em apoio ao candidato único das oposições, Tancredo Neves.

Comitês pró-Tancredo em SP

Otimista e ciente de que a campanha de Tancredo tem de ganhar as ruas, o PMDB paulista, além de apoiar a Assembléia Popular e Democrática que lideranças sindicais e populares promoverão dia 16, no Pacaembú, está empenhado agora na criação de Comitês pró-Tancredo. Dirigentes desse partido falam na formação de 100 mil comitês em todo o Estado.

Goiânia vai iniciar campanha de rua de Tancredo Neves

Goiânia foi a capital do país escolhida para, no próximo dia 14, iniciar a campanha de rua do candidato único das oposições, Tancredo Neves. A expectativa dos organizadores do comício é de fazer uma manifestação maior do que a realizada no dia 12 de abril passado, pelas diretas.

O governo de Goiás, Iris Rezende Machado, em reunião com a bancada de deputados estaduais do PMDB na terça-feira dia 28, pediu que todos se empenhassem no êxito da mobilização. Disse que esta concentração vai ser um termômetro que fornecerá os indicadores do nível de aceitação popular da campanha de Tancredo Neves à Presidência da República.

O deputado federal Aldo Arantes,



Aldo Arantes: "Queremos avançar para a liberdade"

do Bloco Popular do PMDB, é de opinião que "este comício está ligado à importância mesma da mobilização popular em torno do candidato único das oposições. Esta candidatura apresenta um instrumento que as oposições adotaram para o avanço democrático. Aos poucos vamos chegando à conclusão de que o lançamento da candidatura única das oposições foi absolutamente correto, pois impediu que o governo, que o PDS, tivessem margem de manobra. Hoje eu tenho dito que o governo está diante da alternativa quanto à forma como vai perder: se no Colégio Eleitoral, ou se nas eleições diretas. A mobilização popular desempenha um papel importante, não porque inviabiliza cada vez mais a candidatura de Paulo Maluf, neutraliza o processo de corrupção que Maluf está desencadeando, como pode inclusive, pela sua amplitude, recolocar na ordem do dia a questão das diretas já."

Aldo, comentando a preocupação manifestada pelo senador pedessista Carlos Chiarelli, de que o comício de Goiânia desencadeie grandes concentrações populares pelo país, disse que "este senador percebe que a retomada da mobilização popular poderá conduzir à situação de derrota irreversível do regime e do PDS. Ele que procure uma solução de contemporização que evite esta derrota. Nós, como lutadores pela democracia e pela liberdade, queremos avançar. Queremos derrotar o regime militar e conquistar a democracia e a liberdade. Daí porque, se, por um lado, criticamos aqueles que têm posições reticentes em relação à candidatura Tancredo Neves, por outro lado, achamos que é necessário que o movimento popular e democrático estabeleça as suas condições para apoiar o candidato das oposições". (da sucursal)

Deputados criticam ministro do Exército

A ordem do dia do ministro Walter Pires repercutiu pesadamente no Congresso Nacional. A exceção dos deputados malufistas Nilson Gibson e Siqueira Campos, representantes da extrema-direita, os pronunciamentos da semana criticaram o tom agressivo utilizado pelo ministro do Exército.



Freitas Nobre (esq) e Haroldo Lima: protesto geral

"TROPA NÃO ACOMPANHA"

Para o deputado Jacques Dornelas (PDT-RJ), sargento do Exército cassado em 1964, o pronunciamento "pretende atemorizar, amedrontar e coagir o povo brasileiro. O que se esperava de um ministro militar é que ele protestasse contra a violenta pressão que o FMI exerce sobre nossa economia ou contra a recessão e o desemprego impostos à nação pelos banqueiros internacionais".

O parlamentar do PDT agrega, no entanto, que "o próprio ministro do Exército sabe que o grosso da tropa da ativa não o acompanha nem o irá acompanhar nessa posição antidemocrática e antinacional. A maioria dos soldados e oficiais do nosso Exército estão ao lado do povo e saberão repelir toda e qual-

quer manobra golpista", sentenciou Dornelas.

Já o líder do PMDB na Câmara, deputado Freitas Nobre (SP), prefere chamar atenção para outro aspecto, afirmando: "O essencial é que as Forças Armadas estejam restritas à sua missão constitucional. Especialmente num período de transição, entendemos que a história tem demonstrado que o povo espera muito mais de suas Forças Armadas, por que aguarda que elas tenham sensibilidade para interpretar os anseios populares que se confundem com a vocação democrática de nossa pátria".

"ESPÍRITO REVANCHISTA"

O vice-líder do PMDB, deputado Haroldo Lima (BA), comenta: "Essa violenta manifestação do general Walter Pires revela, de um la-

do, o espírito revanchista de alguns chefes militares que insistem em ameaçar todos aqueles que fizeram a opção de ficar ao lado da vontade popular. Ao invés de admitirem a derrota e seu isolamento completo, esses setores, dos quais o general Walter Pires é um dos principais representantes, preferem ameaçar e intimidar o povo, articulando às escuras novas manobras continuistas". Para Haroldo Lima, no entanto, "o povo já manifestou nas ruas, durante a memorável campanha pelas diretas, sua firme disposição de lutar em todos os campos possíveis para liquidar esse regime autoritário. O crescimento da candidatura única das oposições e o cada vez maior isolamento da candidatura do continuísmo indicam que essa luta irá até o fim, independente das ameaças e pressões exercidas pelos chefes militares".

Já o deputado Farabulini Júnior (PTB-SP) declarou à Tribuna Operária: "Os militares honestos, e os há, sem dúvida em maior quantidade que os demais, acompanham a vontade popular e, estou certo, não concordam com a palavra do atual ministro do Exército". Para Farabulini Júnior, "nós, deputados, não temos outra escolha a não ser repudiar com veemência qualquer pronunciamento com o conteúdo do que foi feito, para a infelicidade dos patriotas e dos militares, pelo general Walter Pires".

(Moacyr de Oliveira Filho, de Brasília)

D^a Dulce gasta Cr\$ 30 milhões em sete dias!



Dias atrás foi divulgado o valor dos proventos que o general Figueiredo vai receber, assim que deixar a Presidência da República: Cr\$ 32 milhões mensais — cerca de 330 salários-mínimos! "É pouco", deve ter se lamentado o general-presidente. Afinal, na semana passada a primeira-dama da República, dona Dulce Figueiredo, gastou a bagatela de Cr\$ 30 milhões somente em hotel, no Rio de Janeiro, onde foi passar alguns dias. Na semana anterior, dona Dulce gastou em hospedagem, desta vez em São Paulo, mais alguns milhões dos cofres públicos: ela ficou sete dias no Ceasar Park Hotel, onde ocupou a suíte presidencial (diária de Cr\$ 900 mil) e sua comitiva ficou em outros 14 apartamentos (ao preço de Cr\$ 300 mil cada).

Em São Paulo a imprensa não conseguiu apurar quem compunha a comitiva da esposa de Figueiredo durante sua estadia. Mas em sua temporada carioca ela estava com 22 acompanhantes, inclusive motorista, segu-

ranças, um ajudante de ordens, cabeleireiro, maquiador e camareira particulares, e dois casais de amigos — que, talvez por serem "assim com os home", também desfrutaram de verbas oficiais para suas despesas de hospedagem.

O Hotel Intercontinental — escolhido pela primeira-dama — tem uma vantagem particular para a família Figueiredo: fica na Tijuca, próximo da luxuosa e ampla mansão de Jonny, filho do casal presidencial. E para que a prima dona tupiniquim gozasse de toda a comodidade possível, a Presidência da República providenciou uma linha telefônica direta na suíte de dona Dulce, o que a pôs em contato imediato com seus amigos em qualquer parte do Brasil e do mundo.

Em todo o caso, para evitar esses gastos pesados para um aposentado, o general Figueiredo está construindo uma casa de campo — um tugúrio, como se diz — em Nogueira (Paurópolis). O refúgio presidencial está orçado em Cr\$ 1 bilhão...



Oposição pressiona Moacir Dalla pelas diretas já

Debilidades da campanha Tancredo

Apesar do amplo respaldo popular que está obtendo o candidato das oposições Tancredo Neves, revelado em diferentes pesquisas de opinião, a campanha e, principalmente, a definição de seu programa, ainda não deslancharam, não ganharam as ruas. Sem isto não se pode ter segurança da vitória pois Maluf e o governo vão apelar para todos os truques.

Esta modalidade em voltar-se para o povo tem duas razões. De um lado a pressão dos setores mais conservadores que compõem a ampla frente de apoio a Tancredo. De outro a desarticulação das oposições e a atividade diversionista desenvolvida pelo PT e outros setores equivocados.

“Nosso objetivo principal é participar da campanha e da elaboração do programa de Tancredo” — diz o deputado federal Haroldo Lima. “Temos insistido que este programa contemple algumas questões fundamentais como os seis pontos aprovados pela convenção do PMDB, para que o candidato das oposições assuma compromissos que levem efetivamente às mudanças exigidas pela nação” expli-

ca o vice-líder do PMDB. “Além disto — acrescenta — os setores democráticos mais progressistas querem ter participação ativa na campanha para assegurar o seu colorido oposicionista e popular. Sem isto não se pode assegurar o êxito desta batalha, que visa derrotar o regime militar”.

POLÍTICA CORRETA

Na quarta feira passada um fato novo reforçou ainda mais a necessidade da presença popular na campanha. A comissão de Justiça do senado aprovou, com apenas um voto contrário, parecer do senador Hélio Gueiros, determinando que não há nenhum impedimento constitucional para que a emenda Theodoro Mendes seja posta imediatamente em votação pelo Congresso Nacio-

nal. Depois desta importante decisão os líderes e presidentes de todos os partidos de oposição, acompanhados por Tancredo Neves e de dezenas de parlamentares, foram ao gabinete de Moacir Dalla, presidente do senado, pedir que ele marque com urgência a data da votação da emenda.

O malufista Dalla, visivelmente nervoso e constrangido, pediu um prazo de oito dias para decidir. Isto mostra a necessidade de que o povo volte às ruas aprofundando a desagregação do regime e forçando o caminho da democracia.

O deputado Aldo Arantes assinalou que “o lançamento da candidatura única das oposições e o conseqüente esvaziamento da candidatura continuista demonstram que nossa orientação está correta. O lançamento da candidatura de Tancredo contribuiu para aprofundar a deterioração das forças do regime e ao mesmo tempo para criar novas possibilidades para a conquista das eleições diretas já. (da sucursal de Brasília)



Famíliares dos desaparecidos na Guerrilha do Araguaia encontram-se com Tancredo Neves.

Tancredo vai se inteirar sobre mortos no Araguaia

Um grupo de familiares dos desaparecidos na Guerrilha do Araguaia esteve, na semana passada, com o candidato oposicionista à presidência da República, Tancredo Neves, buscando o seu apoio à luta que travam na Justiça com o objetivo de esclarecer o paradeiro de seus entes e receber seus corpos. Tancredo Neves recebeu os familiares em seu escritório eleitoral, acompanhado pelos deputados federais Haroldo Lima e Aurélio Peres, prometendo inteirar-se do processo judicial e apoiar sua luta.

Na mesma semana, realizou-se a primeira audiência de instrução e julgamento da ação movida na Justiça Federal do Distrito Federal por um grupo de familiares dos desaparecidos no Araguaia. Nessa ação, os familiares pedem que a União indique a sepultura de seus parentes de

modo que possam ser lavrados os atestados de óbito, sejam trasladados os corpos e que forneça o relatório oficial do Ministério do Exército sobre a Guerrilha, datado de 5 de janeiro de 1975.

Na primeira audiência, que durou dois dias, foram ouvidos os depoimentos de seis autores da ação. O relato dos principais fatos ocorridos durante os anos de 1972 a 1975, no episódio conhecido como Guerrilha do Araguaia, causou profunda consternação em todos os presentes ao Tribunal. A próxima audiência deverá ocorrer nos primeiros dias de novembro.

APOIO NO CONGRESSO

O deputado federal Haroldo Lima, vice-líder do PMDB, fez um pronunciamento no Congresso Nacional sobre a ação movida na Justiça pelos familiares dos desaparecidos

no Araguaia. O parlamentar relatou que um grupo de camponeses da região do Araguaia, aliados a diversos militantes do Partido Comunista do Brasil, lutaram para libertar o pobre e oprimido da violência do regime militar e da exploração do latifúndio, sendo atacados violentamente pelas Forças Armadas e resistido bravamente durante dois anos e nove meses.

Haroldo solicitou o apoio político dos parlamentares para a ação judicial. “Essa ação movida pelos familiares dos desaparecidos na Guerrilha do Araguaia reveste-se de capital importância. O regime militar não pode mais negar a existência desses episódios e dessas mortes. Não pode, igualmente, se recusar a entregar os corpos dessas pessoas aos seus familiares”, afirmou o deputado baiano. (da sucursal)

Intensifica-se em SP preparação do encontro popular

Intensificaram-se nos últimos dias as iniciativas para preparação da Assembléia Popular e Democrática de São Paulo para apoiar a candidatura única das oposições e discussão do programa mínimo, que será realizado dia 16 a partir das 14 horas no Pacaembu.

A convocatória, assinada há duas semanas por cerca de 100 pessoas, já conta com a adesão de mais de 500 lideranças populares e democráticas. Até mesmo políticos do PDS, como o prefeito de Teodoro Sampaio, Roberto Bérnago, e o vereador de Presidente Epitácio, José Damasceno, estão apoiando o encontro.

BLOCO PRÓ-TANCREDO

Da cidade de Marília, junto com as caravanas de populares, deverá chegar para o encontro um bloco carnavalesco formado em homenagem ao candidato das oposições. O prefeito de São José dos Campos, Robson Marinho, do PMDB, já garantiu aos organizadores da Assembléia “os ônibus que forem necessários para as caravanas que vão sair da região”.

A União das Mulheres de São Paulo realizou assembléia para discutir a atual conjuntura política do país e decidiu encaminhar o debate e a preparação do encontro popular e democrático junto a mais de 20 núcleos que constituiu nos bairros e em algumas empresas do município.

A Juventude do PMDB marcou para este domingo uma reunião do seu Diretório Regional, ampliada com a participação dos presidentes municipais do órgão, para discutir a preparação do encontro. A união da Juventude Socialista também realizou reuniões com o mesmo objetivo. A Aliança Democrática Jovem (ADJ) está empenhada na organização da manifestação, que conta, ainda, com o apoio de integrantes da Juventude do PDS.

PROBLEMAS A SUPERAR

Essas e outras iniciativas com o mesmo espírito dão motivos para otimismo e sustentam a perspectiva de uma Assembléia massiva e representativa. No entanto, subsistem alguns problemas que podem prejudicar o sucesso do encontro popular e democrático.

Alguns setores do PMDB manifestam incompreensões quanto ao caráter do ato e pessimismo sobre seus resultados. Enquanto o apoio do partido, como um todo, revela-se tímido e vacilante, há os que entendem que a Assembléia, como em geral toda a campanha do candidato das oposições à Presidência, deve ter a direção monopolizada pela Executiva do PMDB.

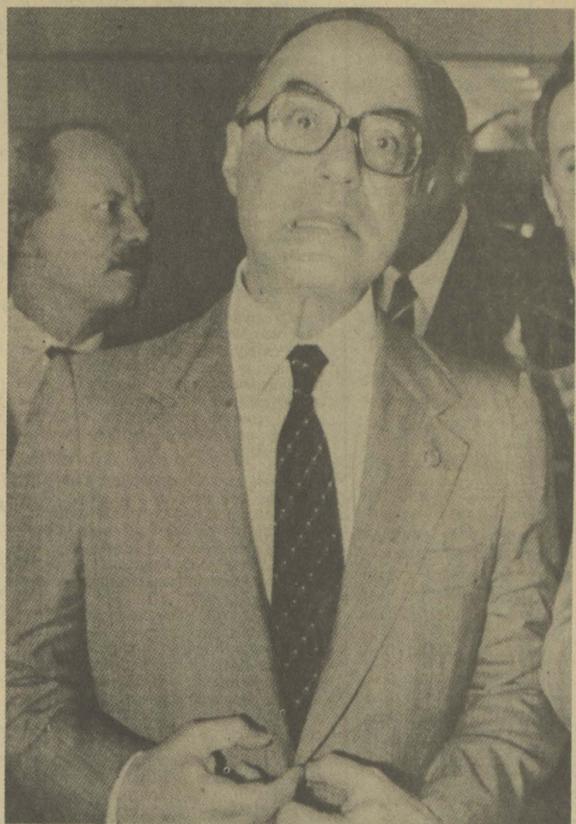
Apesar disto, o apoio peemedebista não tem sido negado. E os organizadores do ato acreditam que daqui para a frente será ainda mais decidido. A debilidade maior na preparação do encontro tem sido ainda a fraca mobilização das bases nas fábricas, nos bairros, nas escolas. Para o êxito da assembléia popular, as forças comprometidas precisam tomar novas e ousadas iniciativas para discutir com o povo e organizar sua participação.

Jornalista preso sem motivo pelos federais no ES

O jornalista Luiz Aparecido foi arbitrariamente preso pela Polícia Federal na manhã de segunda-feira passada em Vitória, no Espírito Santo. Nem mesmo seu filho Paulo Stuart, de seis anos, foi poupado pelos policiais e também foi detido junto com o pai que, segundo a repressão, portava “materiais subversivos”.

Aparecido foi interpelado dentro de um ônibus, quando ia para casa. Levado para o Departamento da PF, lá permaneceu durante cerca de quatro horas com o filho, “respondendo a um interrogatório em que os policiais desejavam saber se eu pertencio ao Partido Comunista do Brasil”.

Ele interpretou a ação policial como “mais uma tentativa de intimidar as forças populares e democráticas que lutam contra o regime militar”. Deixando claro que ações dessa natureza não encontra o menor respaldo na sociedade, o Diretório Regional do PMDB capixaba divulgou uma nota de protesto contra a prisão, assinada pelo presidente de honra do partido, Argilano Dario. O deputado Josmar Pereira (PMDB) também fez um pronunciamento na Assembléia Legislativa condenando o arbitrio.



Maluf é uma vertente do fascismo

Deputado explica por que o Maranhão apóia Tancredo

No Maranhão, hoje reduzido à condição de Estado mais pobre da Federação, o apoio à candidatura Tancredo Neves não se restringe aos pedessistas dissidentes do grupo Sarney. Dezenas de lideranças sindicais e populares da capital e do interior convocaram para o próximo dia 15 uma Convenção Popular e Democrática para desencadear a campanha no Estado.

O deputado estadual Luiz Pedro (PMDB), um dos que puxaram a convocação, pronunciou na terça-feira, 28, um discurso na Assembléia Legislativa fundamentando sua posição frente à disputa sucessória. Eis alguns trechos de seu discurso.

“A Nação brasileira acompanha com enorme interesse a evolução do quadro da sucessão presidencial. De um lado, temos o deputado Paulo Maluf, de outro, o ex-governador Tancredo Neves.

“Para o povo, trata-se de saber qual candidato apoiar, qual opção apoiar, qual opção a fazer para que o Brasil mude. Ao povo, interessa uma ruptura com o regime atual e interessa participar ativamente da campanha presidencial, com suas bandeiras e seus representantes. Mesmo numa eleição indireta, no Colégio Eleitoral espúrio, o povo poderá dar o tom da campanha e pressionar os delegados ao Colégio a votarem de acordo com os interesses nacionais e populares.

“Vamos analisar algumas questões que o povo coloca como fundamentais para dar uma nova orientação para o nosso país.

“A primeira questão é a da liberdade, principal motor da luta contra o regime militar nestes 20 anos. A posição de Tancredo Neves nesse aspecto é explícita. É de defesa das liberdades democráticas, liberdade de imprensa, de reunião, autonomia sindical e direito de greve.

“Maluf também é explícito. Quer que o regime militar perdure; quer a continuidade da fascista LSN que considera

grande obra do governo Figueiredo; pretende que o mandato presidencial tenha seis anos e joga para o futuro distante a discussão sobre eleições diretas.

“Outra questão fundamental é a convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte, livre e soberana, em 1986, assegurando-se a prévia liberdade de debate e organização partidária. Tancredo tem evoluído positivamente neste ponto, adotando as formulações das correntes mais progressistas do PMDB. E Maluf? Ele fala vagamente na elaboração de uma nova Constituição, mas quer fazê-la sem legitimidade, sem Assembléia Constituinte e sob a égide da LSN.

“Ressalto, também, a diferenciação entre os candidatos no que se refere ao tratamento da questão fundiária. Tancredo Neves defende uma posição de combate à grilagem, de fim às violências contra os lavradores, de preparativos para a execução de uma Reforma Agrária. Já Maluf é pela manutenção do latifúndio, pela conservação do status quo no campo.

“Formemos todos os trabalhadores, os democratas e os patriotas uma ampla frente anti-Maluf para que não se instale entre nós esta vertente do fascismo. Que também no Maranhão, a Frente Liberal se posicionem firmemente contra o perigo fascista”.

Vereador do PMDB sofre atentado em Rondônia

Com a conivência dos órgãos de segurança do Estado, o senador Odacir Soares, do PDS de Rondônia, e o coronel Lauro Magalhães, estão tentando matar a vereadora Raquel Cândido, do PMDB de Porto Velho, e seu marido Magnus Guimarães, advogado e presidente regional do PDT. A denúncia é feita pelas próprias vítimas.

No dia 29 de junho, a vereadora Raquel discursava em uma reunião na área chamada Eldorado, na capital, quando o soldado PM Francisco Serejão disparou contra ela dois tiros. O policial-pistoleiro errou e os populares o prenderam no ato. O PM confessou que recebera do coronel Lauro Magalhães a ordem para matar a vereadora, que tem-se

destacado na defesa da moradia para o povo pobre local.

Dois dias depois, novo atentado. Desta vez na casa da vereadora. Pistoleiros dispararam contra Magnus Guimarães, que estava em seu apartamento. Também erraram. Magnus é advogado dos posseiros urbanos de Porto Velho. Quando ele foi dar parte na polícia da tentativa de crime, foi alertado pelo delegado Pedro para que não voltasse à Central, pois não teria segurança de vida...

O casal acusa o senador pedessista Odacir Soares pelos atentados, juntamente com o coronel Magalhães. O senador, segundo o casal, acoberta a corrupção que envolve a especulação imobiliária na capital de Rondônia.

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Manobras dos provocadores

As batalhas da luta de classes só podem ter sucesso sob uma orientação científica, que leve em conta as condições objetivas e oriente corretamente em cada momento a ofensiva ou o recuo. Particular atenção deve ser dada às provocações da burguesia, visando jogar o povo prematuramente nos combates, expondo-o ao fracasso.

HISTÓRIA ANTIGA

Em 1964, quando o povo tomava consciência das vacilações do governo de João Goulart e percebia as maquinações dos reacionários para assaltar o poder, coube ao tristemente famoso cabo Anselmo a tarefa de incitar os marinheiros a uma manifestação irrefletida, caracterizada imediatamente pela direita como "insubordinação nas Forças Armadas". Era o pretexto para assustar os vacilantes, confundir os trabalhadores e desfechar o golpe militar de 1º de abril.

Em 1937 também, os golpistas "descobriram" um suposto plano comunista para tomar conta do poder. Com esta desculpa apelaram para a força bruta, erigiram o Estado Novo, e mergulharam o país em oito anos de fascismo. Mais tarde ficou comprovado que o tal "plano Cohen" tivera sua origem nos gabinetes dos comandos militares.

Agora, quando o sistema implantado pelos generais aparece claramente para a opinião pública como uma praga nociva e quando as amplas massas buscam as formas práticas para liquidar o regime, os militares tentam criar um clima para novas provocações.

Neste sentido é que se deve entender a ordem do dia do ministro do Exército, fazendo ameaças a todos os que se opõem ao continuísmo e em particular aos participantes da Frente Liberal.

CRISE ACELERADA

Ocorre que os donos do poder já não podem controlar a situação. A crise econômica e, em consequência a crise política, marcham em ritmo cada vez mais acelerado. A oposição se fortalece e vai incorporando novos setores descontentes com o governo. As hostes pedessistas por seu lado são abaladas por graves conflitos internos. Setores significativos que até então defendiam o golpe percebem que o regime implantado em 1964 já não tem como se manter em pé, e abandonam o barco.

Nesta situação, amadurecem a olhos vistos as condições para um desfecho da crise com o fim do arbítrio e a construção de um novo regime onde o povo ocupe um lugar de destaque. Os donos do poder astuciosamente pretendem impedir que este processo os coloque em inferioridade. Querem precipitar os acontecimentos e provocar um choque antes que o povo esteja suficientemente organizado e que as forças dominantes se vejam inteiramente desarvoradas pelas contradições entre elas mesmas.

NÃO SE INTIMIDAR

Seria infantilidade dos democratas aceitar o desafio e cair na armadilha. Urge que as massas permaneçam firmes no caminho do combate mas conquistando posições de acordo com a realidade. Não se trata de recuar diante das ameaças da fera agonizante, mas sim de não se expor irresponsavelmente às suas garras.

A luta pela liberdade passa hoje por uma fase importante, onde a sucessão ocupa o centro. Sua continuidade exige a unidade de todos os que se opõem ao regime, e a pressão das massas, para dar a vitória ao candidato único das oposições. Neste caminho, sem se intimidar com as provocações, o que aparece como possibilidade principal é a vitória da democracia e o final desta página negra da nossa história. (Rogério Lustosa)

Um amplo movimento de juventude que lute pelos direitos dos jovens à liberdade, ao trabalho, à educação e cultura, ao esporte e ao lazer, pela independência nacional e o socialismo, é uma necessidade incontestável no Brasil dos nossos dias.

Para cumprir seus objetivos tal movimento há que estar voltado para os milhões de jovens operários, trabalhadores do campo e da cidade, artistas, estudantes, intelectuais e desportistas. Há que com eles marchar em defesa de salário, garantia de emprego e terra para trabalhar; por mais verbas para a educação, melhores escolas e condições de ensino; pela valorização social e profissional das funções dos jovens artistas e intelectuais, e pelo reconhecimento da importância da prática do esporte para a sociedade e o indivíduo.

Longe do mundo da juventude é impossível fazê-la abraçar idéias democráticas e socialistas. Vivendo seu dia-a-dia, partilhando de suas aspirações e angústias, participando de suas vitórias, animando nas horas de fracasso, poderemos convencê-la a respeitar e confiar nas idéias avançadas. Fazer o contrário, ficar apenas entre os que já são socialistas, é abandoná-la à alienação e opiniões reacionárias.

Com essas preocupações nasce a União da Juventude Socialista, iniciativa de jovens operários, camponeses, estudantes, artistas, intelectuais e desportistas de todo o Brasil, dispostos a enfrentar as dificuldades iniciais mas confiantes nas imensas possibilidades de avançar, crescer e vencer sob bandeira, tão desejadas e sentidas pela absoluta maioria da juventude brasileira.

Nos momentos de crise as idéias são como bússolas

O Brasil e o mundo vivem sob o impacto do que se transforma na maior crise da história do capitalismo. Em meio a esse mar tempestuoso a juventude procura unir-se para navegar numa rota segura. Nestes momentos as idéias são como bússolas. Uma, a indicar orientação firme e duradoura; outras, impotentes frente à violência do maremoto, conduzem para o naufrágio.

Há um divisor comum de águas a separar os que lutam, hoje, por direitos democráticos, do grupo que a todo custo tenta manter no país um regime inimigo da juventude e do povo. Mas que fazer além dessa fronteira?

O PDS busca, através da Juventude Democrática Social (JDS), formar entre os jovens uma corrente de opinião conservadora, comprometida com o entreguismo e a ordem social antipopular e antidemocrática. Fracassa em todas as linhas pois, mesmo recentemente, boa parte da direção nacional desse grupo abandonou o Partido do governo para integrar-se na dissidência da Frente Liberal.

Variadas seitas religiosas brandem por ruas e praças seus folhetos de conversão, acoitando os maus espíritos, pregando a castidade, o conformismo e a espera do salvador que descera em breve para salvar os justos, curar feridas e castigar os

Juventude pela democracia, a independência e o socialismo

"A juventude tem o rosto do amanhã"

(Máximo Gorki)



infiéis. Nada mais salvam que seus polpidos cofres e a vida mansa de seus chefes e fundadores, proprietários de ricas mansões e gordas contas bancárias nos Estados Unidos onde geralmente fazem moradia. Seita Moon, Hare Krishna ou outra coisa qualquer que se denominem, procuram abrir centros e sedes nas proximidades das escolas para propagandear a indiferença perante as injustiças e a hipocrisia na moralidade e nos costumes. No plano político são fiéis aliados da repressão e do fascismo. A seita Moon, por exemplo, apóia abertamente a candidatura de Paulo Maluf à Presidência da República, fabrica extensos dossiês de calúnias e mentiras contra o pensamento progressista e revolucionário, faz do anti-comunismo a razão de sua existência.

Nada de presunção, exclusivismos ou preconceitos

Há, porém, correntes progressistas e democráticas que procuram levar sua influência entre os jovens. É o caso de alguns movimentos de juventude promovidos por setores da Igreja; outros de feição social-democrata como a Juventude Socialista do PDT, ou de caráter frentista como a Juventude do PMDB. Por que, então, há de se perguntar, não atuar no seio dessas correntes já existentes e se optar por iniciar um movimento próprio?

Seria leviano deixar de assinalar diferenças importantes no plano das idéias e das concepções filosóficas que norteiam os diversos movi-

mentos, que vão se refletir necessariamente na sua forma de agir.

Atuar ou não dentro dos grupos já existentes?

A União da Juventude Socialista busca compreender cientificamente a história e a realidade, o que se choca com a concepção religiosa marcada por dogmas e enunciados anticientíficos. A Igreja nega, até hoje, a importante contribuição de Darwin sobre a evolução das espécies; só recentemente, passados mais de 350 anos, encaminhou processo de revisão da condenação de Galileu, e acha que sexo, mesmo entre casados, só para o fim exclusivo da procriação. Por conta de tais limitações, grupos que atuam sob sua influência terminam, não raramente, caindo em posições sectárias e de exclusão, dificultando o trabalho amplo e unitário nos movimentos estudantil e popular.

Avaliação semelhante temos da Juventude Socialista do PDT. A União da Juventude Socialista comparará com os jovens pedetistas da ação comum nas entidades estudantis e em outras promoções e eventos juvenis. Não repetirá, com os jovens adeptos de Brizola, loas ao pseudo-socialismo existente na França, Grécia ou Espanha, nem à social-democracia, daqui e d'além mar, como verdadeira defensora do socialismo.

Quando à juventude do PMDB, cumpre importante papel na unificação da base jovem dos setores da Frente

Democrática que atuam no PMDB a nível institucional. Atuaremos com a mocidade peemedebista na batalha comum pelo fim do regime militar; mas conscientes de suas limitações em tomar posições mais definidas.

As correntes trotskistas, em que pese arrastar sob sua influência jovens de impulso e vontade revolucionária, desembocam, invariavelmente, na prática segregacionista, na divisão e desagregação do movimento e das entidades de massa. São absolutamente incapazes de conduzir qualquer movimento amplo e unitário. Ou se é trotsquista, ou não se é nada: assim pensam e assim agem. Permeiam sua atuação pelo espontaneísmo na formulação das propostas e pelo militarismo na condução de qualquer coisa onde se metam.

Há ainda pretensos anarquistas e autonomistas, com atuação residual e rarefeita em alguns centros universitários. Ganham notoriedade pelo protesto ou ridículo ao tentar, por exemplo, tumultuar reuniões democráticas como a da SBPC, pelo esforço de desenterrar conceitos políticos e filosóficos há muito entregues aos cuidados das catacumbas. São correntes reformistas, que elegem como tema central de suas preocupações apenas alguns aspectos do capitalismo.

Ao chamar a juventude brasileira a organizar-se em um movimento, independente, a União da Juventude Socialista, não o faz por qualquer sentimento de presunção, exclusivismo ou preconceito contra outras tendências com atuação na mocidade. Ao organizar-mos a União da Juventude

Socialista o fazemos com o generoso e silencioso e sincero objetivo de tratar ao lado da massa da juventude e de todas as correntes democráticas e progressistas que nela atuam, o combate diário por seus direitos e reivindicações. A opção pela organização de um movimento próprio se fez por razões claras, das quais expomos acima as mais importantes, sem subterfúgios nem demagogia, afirmando os interesses e pontos comuns sem deixar de marcar as diferenças que justificam nossa posição.

Por uma Juventude unitária, ampla e combativa

"A vida será nossa barrica", diz a proposta de Manifesto da União da Juventude Socialista. Não criaremos um movimento de massas artificial e paralelo para nossa atuação, mas agiremos onde ele já existe, defendendo a democracia, a independência nacional e o socialismo.

É sabido que a juventude operária ainda está formando sua consciência democrática e teve pouca oportunidade de contato com as idéias socialistas. Por isto, sem participar das suas lutas por melhores salários e condições de vida e trabalho, na organização de atividades recreativas, passeios, festas, jogos e tudo o mais que sirva para aproximação e conagração dos companheiros de trabalho, é impossível falar de luta séria pela liberdade e pelo socialismo em meio aos jovens operários.

O mesmo ocorre nos Centros Cívicos, Grêmios, Centros Acadêmicos, em cada sala de aula. Ou tomamos em nossas mãos a defesa de um colega injustiçado por algum professor ou diretor, a reivindicação de um posto telefônico na escola, a mudança de horário de entrada em classe, a promoção de folguedos, torneios e excursões que estimulem a boa convivência escolar e o espírito de confraternização e camaradagem a par da luta por melhores condições de ensino e mais verbas para a educação, ou os estudantes, cobertos de razão, desprezarão solenemente esses bisbilhoteiros que falam e falam de socialismo e democracia sem mover uma palha para melhorar a vida no próprio local onde estudam.

Só existirá movimento forte pela democracia e pelo socialismo com entidades fortes, unitárias, representativas, cheias de ação e de vida, sejam sindicais, estudantis ou de bairro. Dedicaremos a esta tarefa o melhor do nosso esforço, sem deixar de tomar iniciativas próprias na organização de cursos e palestras sobre temas de interesse geral como a realidade brasileira e internacional; abordando assuntos específicos como sexo e droga, ou formação cultural como música, fotografia e língua; formando grupos de música e teatro ou promovendo acampamentos.

Por esse caminho a União da Juventude Socialista chega para ficar, e por certo em muito haverá de contribuir para fazer vitoriosa a marcha da juventude pela conquista dos seus direitos, da democracia e do socialismo. (Aldo Rebelo)

A União da Juventude Socialista fará, no próximo dia 22 de setembro, o seu lançamento público. O ato será realizado na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, às 9 horas da manhã. Todos os jovens estão convidados.

DE OLHO NO LANCE

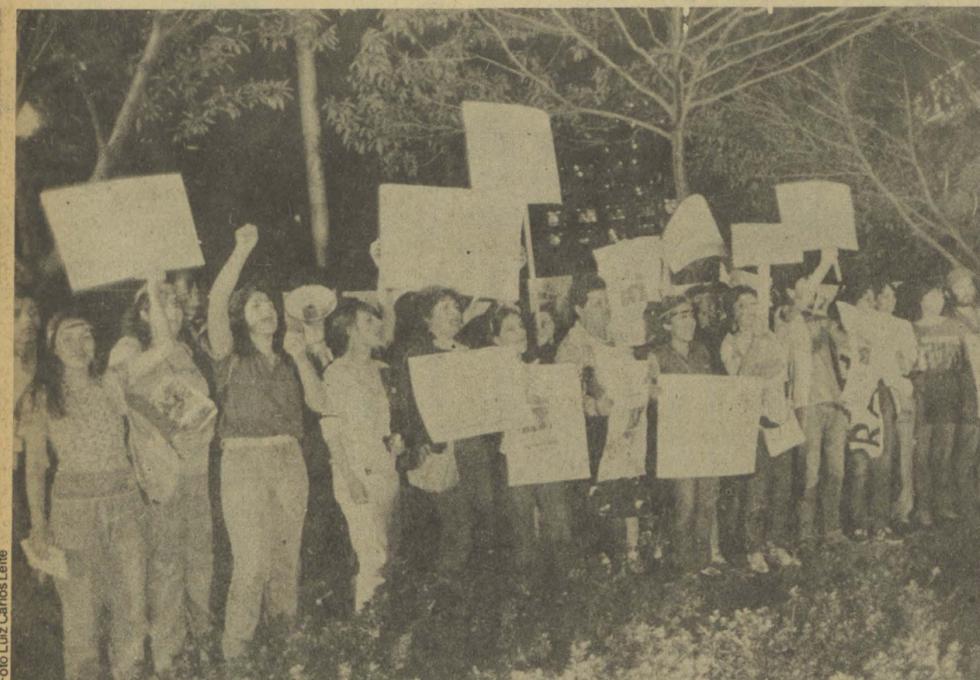
O mote é "traição"

Para atacar os membros da Frente Liberal os generais jogaram o mote da "traição". O tema é muito oportuno. Só que bastante desfavorável aos autores das acusações.

Os militares chamam de traição o fato de elementos do PDS perceberem a falência do regime militar e passaram a apoiar o candidato das oposições, Tancredo Neves. Enquanto isto, o povo está interessado em apontar os responsáveis pelo acordo nuclear Brasil-Alemanha e pela instalação das usinas nucleares, que além de imprestáveis representam séria ameaça às populações da área em que forem construídas; identificar os patrocinadores da fabulosa dívida externa de 100 bilhões de dólares (muitas vezes recebendo 10% de "caixinha" por cada empréstimo contratado); denunciar os culpados pelo sucateamento da indústria nacional e controle de nossa economia pelas multinacionais.

Enquanto os generais chamam de traição o apoio ao anseio dos trabalhadores e todos os democratas e patriotas para derrotar Maluf e o continuísmo, o povo sabe que a verdadeira traição é a dos que venderam a pátria ao capital financeiro internacional e, para efetuar este negócio, prenderam, torturaram, assassinaram inúmeros opositores.





Mulheres, em frente ao Fórum: contra a "violência oculta e silenciosa" que sofrem todos os dias

Caso Lindomar provoca grande debate no povo

O julgamento do cantor Lindomar Castilho, assassino de Eliane de Grammont, atizou um debate público de grandes proporções sobre os direitos e deveres de maridos e mulheres. Sábado, dia 25, Lindomar terminou condenado no Tribunal do Júri e na opinião popular. Mas muita gente simples do povo ainda é capaz de defendê-lo em nome da falsa honra dos machões.

Os meios de comunicação deram farta cobertura ao caso, farejando um ibope garantido: o réu, um conhecido intérprete de boleros melosos; a vítima, cantora, jovem, bonita; e a história, novelesca e controvertida.

Foi justamente o fator polêmica que produziu tanta repercussão. Um marido traído tem direito de matar a mulher? A pergunta polarizou posições não só no Tribunal do Júri, mas nas famílias, locais de trabalho e de estudo: Nos dias de julgamento, a multidão diante do Fórum, no centro de São Paulo, espelhava bem a discussão que corria pelo país afora.

Grupo de defensoras dos direitos da mulher proclamavam que "o assassinato de Eliane de Grammont é apenas uma face da violência oculta e silenciosa cometida a cada dia contra as mulheres" e "quem ama não mata". De outro lado, homens aparentemente contratados para aquele fim, que chegaram à agressão física, gritavam coisas como "Abaixo o adultério, mulher no cemitério!". Um grande número de curiosos também debatia o caso em animadas rodinhas, defendendo ou condenando Lindomar.

"A TRAIÇÃO É PIOR"

Por que uma parte do povo, mesmo minoritária, tomou o



Ana Zilda: "Ninguém, nem homem nem mulher"

partido do assassino? Quem responde é Maria Amélia Telles, presidente da União das Mulheres de São Paulo: "É porque esta é uma sociedade machista, em que o homem pode praticar adultério mas a mulher é vista eternamente como uma propriedade do homem". Amélia acerta na mosca ao apontar a base material da visão machista — a dependência econômica da mulher. Com a crescente presença feminina no mercado de trabalho, nos últimos tempos, a concepção da mulher como simples propriedade do marido foi abalada. Contudo sobrevive, como um resto do passado, na consciência das pessoas.

Um caso típico é Josefa Conceição de Sousa, desquitada, que lava roupa para sustentar nove filhos mas fez promessa a Nossa Senhora de Aparecida pa-

ra que Lindomar fosse absolvido. Para ela, "se matou por amor, tem que ser absolvido". Sobre Eliane de Grammont, é inflexível: "A traição é pior que a morte".

Fernando, 38 anos, motorista desempregado, que agita um cartaz pró-Lindomar vai ainda mais longe ao afirmar: "A traição da mulher é pior que a traição do homem, porque ela casou virgem". Fernando julga que "não existe virgindade para o homem", e insiste: "A mulher tem que guardar a honra; se ela perde, perde 90% do valor". E arremata com esta frase, válida só para mulheres: "Traiu, tem que morrer".

Essas opiniões, mostrando que o machismo ainda tem bases fortes na opinião popular, são contestadas com energia por muitos homens e mulheres que torceram pela condenação do assassino. "Ninguém, nem homem nem mulher, tem o direito de tirar a vida de ninguém", argumenta Ana Zilda, jovem vendedora de cafezinho, mineira de Teófilo Otoni. "Na minha opinião, isso é ridículo porque o homem também trai e a mulher não faz nada", diz Elisete, funcionária da Prefeitura, que também destaca que a Justiça só funciona contra os pobres e jamais contra os ricos: "Tenho certeza que o Lindomar vai sair solto, porque tem dinheiro para comprar".

A condenação de Lindomar (a 12 anos de prisão, com direito a recurso, embora seis dos sete jurados fossem homens) fez desparecer a multidão em frente ao Fórum mas não pôs fim ao debate. Além da participação feminina na produção, falta ainda muita coisa, inclusive um sistema social e político progressista, para que as idéias machistas recebam o golpe de misericórdia no Brasil.

Congresso de favelas de Fortaleza apóia Tancredo

A federação de Bairros e Favelas de Fortaleza realizou nos dias 25 e 26 de agosto o III Congresso de Associações de Moradores, com a presença de 1.280 delegados. As questões políticas foram bastante debatidas e entre outros pontos foram aprovadas a participação das entidades de moradores na campanha do candidato único das oposições à Presidência.



Apresentação da nova diretoria eleita da Federação no final do Congresso.

O Congresso foi um acontecimento marcante para a capital cearense. Mais de 1.280 delegados e uma centena de observadores de quase 100 associações de moradores de bairros e favelas compareceram ao auditório do Centro de Convenções. A abertura do evento contou com a participação dos representantes do PMDB, PDT, PT, PC do B, PCB, MR-8, do presidente da Câmara Municipal de Fortaleza, dos vereadores Marcus Fernandes, Isaac Bernardino, Raimundo da Mata e Francisco Lopes, e representantes de outras entidades.

A questão que despertou mais entusiasmo entre os delegados foi a candidatura única das oposições, que dominou o Congresso desde o início, quando Inácio Arruda, da diretoria da Federação, leu um telegrama do Tancredo Neves e do deputado Paes de Andrade saudando o acontecimento. Apenas um pequeno grupo se posicionou contra a candidatura única das oposições e tentou tumultuar os trabalhos, mas esta atitude divisionista foi rechaçada pela maioria esmagadora dos presentes.

Os principais pontos do programa mínimo para o novo governo foram discutidos e aprovados euforicamente, tais como: pela mudança da política econômica; contra o arrocho salarial; pelo rompimento dos acordos com o FMI e suspensão da dívida externa; pela reforma agrária; eleições diretas em todos os níveis; pela convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte; pela participação popular na campanha de Tancredo Neves; e pela criação de comitês de bairros pró-constituinte e de apoio ao candidato único das oposições.

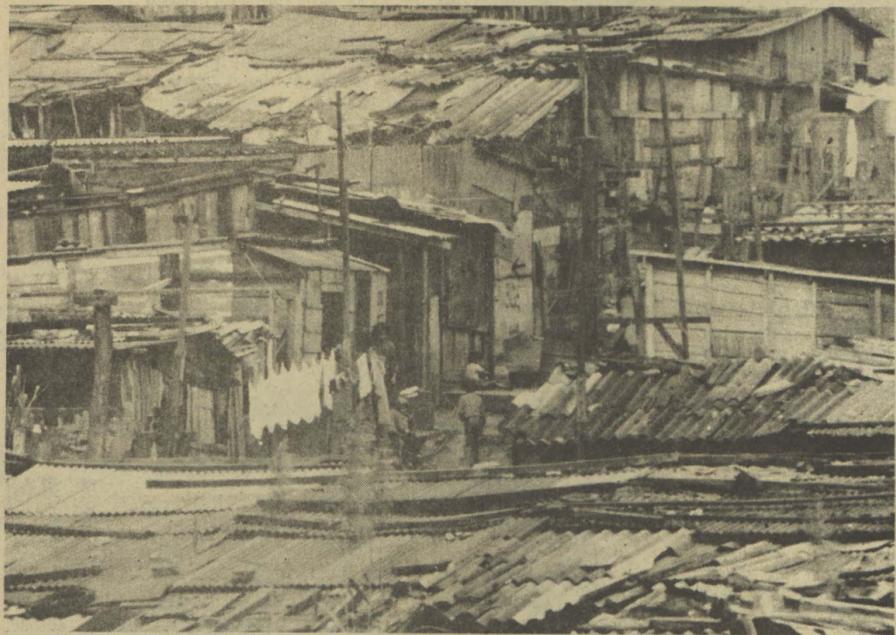
NOVA DIRETORIA

Fortaleza tem um quinto de sua população (391 mil pessoas) morando nas favelas e a questão da moradia é uma das mais sentidas pelo povo. O ex-presidente da Federação, Inácio Arruda, nestes dois anos de atuação contribuiu decisivamente para que o movimento de bairros e favelas alcançassem importantes vitórias. José Joaquim, da Associação do Bairro Henrique Jorge, afirmou que "a Federação teve

uma atuação realmente firme. Basta dizer que no último Congresso só existiam 52 associações de moradores em nossa capital hoje este número foi mais que duplicado. Já conquistamos várias vitórias importantes e principalmente a organização dos moradores que se consolida cada vez mais".

Sob clima de grande emoção, realizou-se a eleição da nova diretoria, encabeçada por Mônica Dias Martins, da Associação de Moradores do Dias Macedo. Ao ser anunciado o nome de Inácio Arruda para a diretoria de Divulgação e Imprensa, o auditório em peso gritava: "Inácio foi pra gente combativo presidente". A chapa eleita representa o que há de mais combativo no movimento de bairros e favelas de Fortaleza, não tendo tido opositores.

Para Mônica Martins, a nova presidente da Federação, "o que mais anima a gente a continuar na luta é a certeza de que as associações de moradores estão se tornando um importante instrumento para o povo conquistar sua libertação". (da sucursal).



Os favelados querem a posse da terra onde estão seus barracos.

Favelado de São Paulo faz congresso

Cerca de mil pessoas participaram do I Congresso das Favelas de São Paulo, realizado dia 25 de agosto na capital paulista. O Congresso foi organizado pelo Conselho Coordenador de Favelas que pretende aglutinar o trabalho que está sendo feito entre as 1200 favelas do município. A principal questão debatida foi a posse da terra.

O prefeito Mário Covas, representantes da Eletropaulo e da Sabesp, os vereadores Válder Feldman (PMDB) e Antônio Carlos Fernandes (PTB), o presidente da Comissão de Melhoria da Vida da Favela foram algumas das autoridades presentes na abertura. Covas prometeu encaminhar as resoluções ali aprovadas e no seu discurso afirmou: "A gente precisa acreditar no futuro deste país quando se reunidas aqui as pessoas, que são das mais marginalizadas e vêm

aqui discutir não só seus problemas específicos, mas também as questões políticas mais importantes do país".

"FIM DO REGIME"

"Queremos a posse da terra, mas queremos também o fim do regime militar e do FMI", enfatizou Messias José da Silva, presidente da União de Favelas da Zona Leste. Para José Feitosa Vasconcelos, da favela da Vila Praia, de Campo Limpo, na Zona Sul de São Paulo, "há muito tempo que deveria ter havido este Congresso, pois isso ajuda o favelado a tomar uma conscientização grande".

As principais resoluções aprovadas no Congresso foram: posse da terra onde estão localizados seus barracos; que as áreas ociosas da cidade sejam prioritariamente destinadas à moradia ur-

banização das favelas, com canalização dos córregos, limpeza pública, instalação de escolas, creches etc.

Apesar do ponto positivo de se realizar um congresso desses, uma falha irreparável foi não ter havido discussão sobre o momento político que estamos atravessando. Como o surto enorme de favelas está intimamente ligado com a política de arrocho salarial imposta pelo regime militar, numa situação em que surge a possibilidade concreta de se pôr fim a este governo dos generais, através do candidato único das oposições, este é um assunto que necessariamente deve ser discutido em qualquer encontro ou congresso de movimento popular. Esta falha só não foi total porque a União de Favelas da Zona Leste lançou um documento tocando no assunto.

Mineiros vetam aumento de ônibus em BH

Graças à mobilização liderada pela Federação das Associações de Moradores de Belo Horizonte, foi reduzido de 75,25% para 30% o aumento das tarifas de ônibus na capital mineira. "A população não teria condições de arcar com nenhum aumento agora. Mas diante das propostas iniciais da Metrobel — responsável pela política de transporte coletivo — conquistamos uma vitória parcial. No entanto a questão chave é assegurar a mobilização popular para enfrentar o novo aumento previsto para dezembro", comenta Dalva Stella Rodrigues, presidente da Federação.

Já no dia 20 a Federação, juntamente com 60 associações de bairro, realizou uma concentração com 500 moradores diante do Palácio da Liberdade, reivindicando a suspensão do aumento dos ônibus ao governador Hélio Garcia. As entidades exigiam igualmente implantação do fiscal comunitário, passe livre para desempregados, cumprimento do quadro de horários e meia passagem para estudantes uniformizados.

No dia 27, o Conselho de Representantes da Federação de

Bairros reuniu-se com o Conselho Consultivo da Gran-Bel — que engloba os prefeitos da Grande Belo Horizonte — e o Conselho Deliberativo da Região Metropolitana, quando ficou acertado que a majoração das tarifas ficaria limitada a 30%, até dezembro, sujeita ao repasse dos aumentos parciais dos combustíveis ocorridos no período; e ainda foi fixado o prazo até 30 de outubro para entrar em funcionamento uma comissão de usuários e para a implantação do quadro de fiscais comunitários. A esta reunião compareceram cerca de 200 pessoas.

REAJUSTES ABSURDOS

A luta dos moradores da capital de Minas tem razão de ser: o percentual de reajuste das tarifas da região metropolitana de Belo Horizonte foi o maior entre os de cinco regiões do país no período de março a junho, nos anos de 1982 e 1984, chegando a 742%! Com isso, decresceu o número de viagens médias por mês de 55 milhões em 1983 para 51 milhões neste ano. Um trabalhador gasta 20% de seu salário com transporte, enquanto a

Constituição assegura o limite máximo de 1% do salário ...

É de se notar que, neste mesmo período, os salários dos motoristas e o preço do combustível, responsáveis por 70,4% do custo da tarifa, subiram 579% e 661% respectivamente, enquanto o custo total por quilômetro aumentou 618%. Concluiu-se, portanto, ter havido um significativo aumento do lucro apropriado pelos empresários do setor.

Além do mais, a qualidade dos serviços tem piorado. As empresas aumentaram a quilometragem por ônibus e diminuem a frota, engolindo algumas viagens. Outro motivo desta piora é a chamada "Câmara de Compensação" — um dispositivo segundo o qual as linhas de ônibus funcionam com preço unificado das passagens.

A intenção era distribuir igualmente para toda a população o ônus das tarifas. Mas na prática isto causou a negligência, por parte das empresas, quanto à qualidade do transporte, pois lhes é sempre assegurada a compensação dos possíveis prejuízos. (da sucursal).

data	empresa	operários	motivo	conquistas
09/7	Philco	4.724	demissões	antecipação (20%), estabilidade até 31/12, indenização adicional para os demitidos
11/7	Metal Yanes	669	aumento	aumento (10%), antecipação (10%)
11/7	Moellers	150	atraso	acerto do pagamento
23/7	Taito	355	demissões	antecipação (10% a 15%), estabilidade até 31/01, indenização adicional para os demitidos
23/7	Tormec	395	aumento	aumento (10% a 20%), estabilidade até 03/09
25/7	Rayton	354	aumento	antecipação (30%)
30/7	Acepam	150	equiparação	estabilidade de 6 meses, equiparação salarial
30/7	Pado	601	aumento	aumento (5%), antecipação (5% a 10%), estabilidade até 31/12
30/7	Semer	1.200	demissões	indenização adicional para os demitidos e outras
31/7	Lorenzetti	1.852	aumento	aumento (5%), antecipação, estabilidade até 31/12
02/8	Metalfrut	324	aumento	antecipação (20%)
03/8	La Fonte	600	aumento	antecipação (15%)
06/8	Comerit	366	aumento	aumento (20%), antecipação (20%) e outras
06/8	Monark	3.300	aumento	antecipação (15%)
06/8	Pirelli	500	fim do serviço temporário	antecipação (20%), estabilidade até 31/12
08/8	Artok	208	aumento	aumento (10%), antecipação (10%), estabilidade até 31/12
08/8	Pial Legrand	489	ameaça de demissão	estabilidade até 16/12, comissão de fábrica, efetivação dos temporários
08/8	Ferbus	134	aumento	antecipação (10%) e outras
08/8	Luciflex	171	aumento	aumento (10%), antecipação (10%)
09/8	Coimbra	134	aumento	antecipação (20%), estabilidade de 3 meses, outras
13/8	Scai	150	aumento	antecipação (20%), estabilidade até 31/12
13/8	Taurus	600	aumento	empresa aceitou iniciar negociações
13/8	Fanaupe	200	aumento	antecipação 20%, estabilidade até 31/03, comissão de fábrica e outras
13/8	Blinda	200	atraso	estabilidade de 1 ano, acerto, comissão de fábrica
14/8	Romitel	97	aumento	antecipação (15%)
14/8	Real	304	atraso	antecipação (20%), estabilidade até 31/12
14/8	Bom Clima	150	atraso	acerto de pagamento
14/8	Potente	40	aumento	antecipação (15%)
14/8	Ineb	113	aumento	antecipação (20%), estabilidade até 31/12
15/8	Gazarra	573	aumento	antecipação (20%) e outras
16/8	Neri	150	aumento	antecipação (20%)
17/8	Rohm	128	aumento	antecipação (20%)
17/8	Saturnie	300	aumento e condições de trabalho	antecipação (20%), melhorias no trabalho
20/8	Illumatic	350	aumento	antecipação (20%)
21/8	Fupresa	70	aumento	antecipação (15%)
22/8	Echlim	453	aumento	antecipação (25%), estabilidade até 31/12
22/8	Superfine	313	aumento	aumento (10%), antecipação (10%)
23/8	Txima	380	aumento	antecipação (20%), estabilidade até 31/12
28/8	Clock	300	aumento	antecipação (12%), estabilidade até 31/12
27/8	Atlas	1.300	aumento	a greve continua

Reajuste trimestral na prática

Os metalúrgicos de São Paulo conquistam na prática o reajuste trimestral de salários. De julho até agora 40 greves — sendo 30 por aumento salarial —, envolvendo 22.847 operários, conquistaram antecipação de salário. Em outras tantas

empresas os patrões já cederam a antecipação simplesmente pela mobilização e pela ameaça de greve. A luta avança como um rastilho. A perspectiva é de uma acirrada campanha salarial, com data-base em 1.º de novembro, para impedir que o

adiantamento seja descontado e transformá-lo em aumento efetivo por trimestre. As disposições de combate dos trabalhadores, que não suportam mais a carestia e a condenação firme do Sindicato têm sido as chaves para a vitória.

No Ceará sindicato enfrenta DRT, pelegos e divisionistas

Em 31 de agosto, ocorrerão novas eleições para o Sindicato dos Metalúrgicos do Ceará. Será a segunda eleição em menos de um ano, fruto da intervenção da Delegacia Regional do Trabalho na entidade, alegando "interferência de pessoas estranhas à categoria" durante o primeiro processo eleitoral. Foi um golpe sujo, aproveitando que os metalúrgicos encontravam-se enfraquecidos pela ação de divisionistas, os quais desprezavam os interesses da categoria visando unicamente a construção da CUT-PT, e de pelegos que tentavam retomar as posições perdidas em 1979.

Além disto, os trabalhadores enfrentam imensas dificuldades no que diz respeito a empregos e condições de trabalho. Cerca de duas dezenas de pequenas e médias empresas fecharam suas portas jogando na rua grande contingente de operários, muitas vezes sem indenizações. As grandes fábricas também foram atingidas pela recessão e fizeram funcionar violentamente o *facão*. A CEMEC, do poderoso grupo J. Macedo, reduziu sua mão-de-obra de mais de mil trabalhadores para cerca de 150. A Cibresme-Movaço chegou a empregar 1.700 pessoas, agora reduzidas a aproximadamente 250. Muitos destes operários tinham 10 ou mais anos de casa. Alguns a serem admitidos como "avulsos", desamparados dos direitos trabalhistas, conforme denúncia do boletim da atual Chapa 3.

Inúmeras outras irregularidades são cometidas. Na Jometal, por exemplo, os salários estão atrasados há 14 meses. Mas a



Foto Sucursal

Rubens, ao centro, de óculos

DRT, que teve tanta disposição para intervir no Sindicato, não enxerga estes abusos.

Para enfrentar esta situação e concretizar o imenso desejo de mudanças dos operários, "formou-se a Chapa 3, com a proposta de unir a categoria, levantar o Sindicato e defender os direitos dos metalúrgicos, propondo uma diretoria composta por companheiros sérios, honestos e de luta". Quem diz isto é o encabeçador da Chapa 3, Rubens, lutador respeitado por toda a categoria.

"A categoria está cansada de ver o 'Sindicato servir aos interesses pessoais de alguns' — diz Rubens. "Isto ocorre na verdade há muito tempo, e por isso é que existe tanto descrédi-

to em relação à entidade, com muitos companheiros querendo dar baixa na carteira. Todos nós sentimos que é preciso sangue novo na diretoria".

Os membros da Chapa 3, "Força da Unidade Metalúrgica", têm consciência de que não será uma batalha fácil. Existem mais três chapas. Uma ligada à DRT, outra marcada pela corrupção e ainda uma terceira orientada pelo divisionismo. "É muita confusão" — afirma Rubens. "Mas, ao mesmo tempo, a própria realidade empurra os trabalhadores para discutir seus problemas e perceber que a unidade é nossa arma mais valiosa. Por isto temos confiança na vitória" — conclui ele. (da Sucursal)

Eleição sindical no Rio, na segunda maior entidade do país

No início de outubro serão realizadas eleições para a nova diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro. É o segundo maior sindicato do país, abarcando uma categoria de 150 mil operários. A polarização deste pleito está entre a Chapa 1, com uma ampla composição de forças, e a Chapa 2, dirigida pela política divisionista da CUT-PT.

O pleito realizado no início do ano foi anulado por uma manobra das Chapas 2 e 3, encampada pela Justiça do Trabalho. Naquela ocasião, a Chapa 1 tinha sido vencedora — mas

com a anulação da urna da General Eletric, a diferença foi de apenas 1 voto, exigindo novo pleito.

Durante a última gestão, o Sindicato transformou-se num antro de peleguismo e de corrupção, totalmente ausente das lutas da categoria. A tal ponto que o número de sindicalizados caiu de 15 para 11 mil. Tornou-se uma exigência da maior importância a renovação da diretoria da entidade. A isto ainda se acrescenta a gravidade do quadro político nacional, no qual as oposições se unem em

torno da candidatura de Tancredo Neves para derrotar o governo e o continuismo do regime militar.

Nesta situação, a Chapa 2 por sua estreiteza e miopia, preferindo centrar fogo atualmente na discussão sobre o desconto sindical, aliviando o combate contra os patrões e o governo, não corresponde às necessidades da categoria. Mesmo reconhecendo as debilidades da Chapa 1, os operários conscientes procurarão intervir no processo para fortalecer o Sindicato participando da campanha desta chapa. (da sucursal)



Foto Luiz Carlos Leite

Muita gente, mas com base sindical artificial: "delegações" eleitas à revelia dos sindicatos

Congresso firma linha anti-sindical da CUT

A autodenominada CUT se firma cada vez mais como uma articulação nacional antisindical e antiunitária, como ficou comprovado no seu I Congresso Nacional, realizado neste fim de semana em São Paulo. Nela nada se falou sobre a necessidade urgente da reunificação do sindicalismo e foram eleitos para sua nova direção nacional ativistas sem respaldo de seus sindicatos e das assembleias soberanas de suas categorias.

Ao divulgar o número de presentes no Congresso, seus organizadores o consideraram "uma grande vitória": 937 "entidades sindicais" e 5.267 "delegados" (sendo 356 natos, das Cuts regionais e estaduais). Mas, no fundo, os grandes números escondem a falta de representatividade real do encontro, em se tratando de um congresso sindical.

Na verdade não estiveram presentes 937 entidades, mas sim delegações, em boa parte tiradas por fora dos sindicatos e em reuniões sem representatividade. É o caso dos Comerciantes de São Paulo: numa reunião no último dia 16, com 78 cutistas, foram "eleitos" os 20 "delegados", que representaram no Congresso uma categoria com 380 mil assalariados!

Os próprios dirigentes da CUT-São Paulo confessam que no Estado apenas umas 60 entidades são ligadas à articulação. No entanto foram computadas 128 "entidades" presentes no encontro. No Rio de Janeiro há dez sindicatos filiados à CUT; porém o quadro de participantes indicava a participação de 57. Esta presença artificial foi forjada graças a um item do regimento do Congresso que permite a tirada de "delegados" à revelia dos sindicatos e em reuniões com reduzida participação.

ESTRUTURA ARTIFICIAL

A partir destes números superestimados, os cutistas fizeram uma valiação triunfalista sobre a implantação e estruturação da CUT no país. Segundo os dados divulgados, já existem 13 Cuts estaduais e 27 regionais. Entre estas, no entanto, os cutistas enquadram a CUT - Brasília, quando do Distrito Federal não há nenhum sindicato filiado à articulação — à exceção da Associação dos Aposentados! Já em Alagoas, a CUT foi fundada a partir de uma aliança que inclui conhecidos pelegos, como o presidente da Federação dos Trabalhadores na Indústria, José Fernandes.

Dentro deste quadro, os dirigentes da CUT se fazem de avestruz. Negam que exista outra articulação sindical nacional, a Conclat, e que nela estejam importantes sindicatos do país; e nada fazem para que ocorra a necessária reunificação sindical. Tanto que este ponto nem constava da pauta do Congresso. Alguns sindicalistas — como João Paulo Pires Vasconcelos, dos

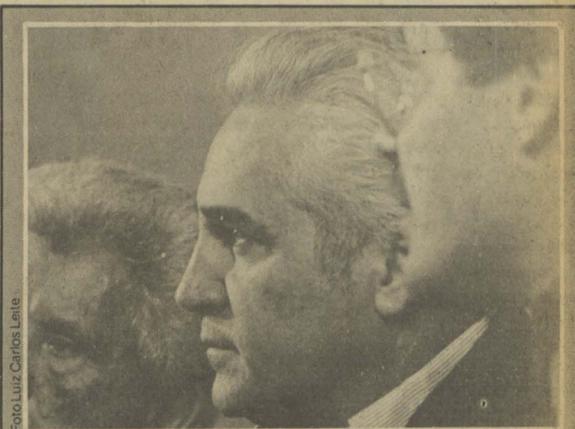


Foto Luiz Carlos Leite

João Paulo: "estão partidizando a Central"

Resoluções petistas

As resoluções políticas do Congresso da CUT não apresentam nenhuma novidade. Como uma entidade estreitamente vinculada ao PT e sob sua direção, o encontro assumiu os postulados do partido, sem haver qualquer resistência. Os cutistas decidiram defender o boicote ao Colégio Eleitoral e, numa postura míope, compararam o candidato único das oposições, Tancredo Neves, ao asqueroso Paulo Maluf, candidato do regime militar.

Isto não quer dizer que entre os presentes, e na própria Executiva da CUT, não haja pontos de vistas diferentes. Só que ninguém ousou enfrentar a secretaria plenária petista. "Esta decisão é nitidamente partidária", comentou à Tribuna Operária o sindicalista João Paulo Pires Vasconcelos, dos Metalúrgicos de João Monlevade. Para ele, "a decisão de não comparecer de forma alguma ao Colégio Eleitoral, mesmo que isto represente dar vitória ao Maluf, é uma posição do PT. Tomá-la aqui num encontro de trabalhadores significa partidizar a entidade, excluir o pluralismo dentro da Central".

Afirmado não levar à sua categoria esta decisão, João Paulo explicou que "esta posição não tem na

sociedade, representa apenas a opinião de uma facção minoritária na oposição. Houve manipulação na tomada desta resolução, já que não existiu discussão prévia sobre o assunto. Ela foi fruto dos cochichos de bastidores das facções petistas".

POSIÇÃO RETRAÍDA

Se nas resoluções políticas predominou o pseudo-radicalismo, já na elaboração do plano de lutas da entidade os cutistas demonstraram certa cautela. Desta vez não marcaram de forma unilateral nenhuma data para greve geral — forma de luta vista pelos petistas como o remédio milagroso para curar todos os males do país.

Só que os cutistas não aproveitaram a oportunidade para avaliar a razão do fiasco das duas outras greves gerais "decretadas" pela CUT — uma em 25 de outubro, outra em 25 de abril deste ano. Se o fizessem, veriam que não há como adotar formas de luta radicais e conseqüentes, se não houver unidade do movimento sindical. Com o sindicalismo dividido, tanto CUT como Conclat ficam com as mãos atadas, não têm como fazer avançar a luta dos trabalhadores.

DIREÇÃO SEM BASE

A nova direção da CUT, eleita no Congresso, reflete a concepção anti-sindical da articulação. Nela há dirigentes sindicais representativos, como os dos Metalúrgicos de São Bernardo e Santo André; mas há muitos ativistas que não possuem qualquer base sindical. Entre os novos membros da direção estão membros de "oposições sindicais" derrotadas em recentes eleições; e alguns dirigentes sindicais derrotados nas próprias assembleias de sua categoria. É o caso dos baianos Moisés Souza Bebê, diretor do Sindicato dos Bancários, e Benjamim Ferreira, diretor do Sindicato dos Metalúrgicos, que, derrotados nas assembleias de suas bases e com a decisão de nem eleger delegados para o encontro da CUT, foram indicados para a direção nacional.

Wolfgang Leo Maar, diretor da Andes (Associação Nacional dos Docentes no Ensino Superior), lamenta que não se tenha discutido o assunto. Sua entidade decidiu participar das duas articulações, defendendo a ação unitária nas lutas e a reunificação orgânica do movimento. "Nossa recente greve nacional demonstrou a importância da unidade. Só existiu porque foi unitária, inclusive com a participação de setores do PDS. O mesmo ocorreu na greve geral de 21 de julho passado, com o Meneghelli e o Joaquinão juntos na direção do movimento", cita Leo Maar.



Maria Bernardes, a Vó, ao lado de Montoro, no 2º aniversário da V. 1.º de Outubro

Morreu Dona Maria, a Vó, liderança da Vila 1.º de Outubro

No dia 19 de agosto às 22:30 h, morreu Dona Maria do Nascimento Bernardes. Alguns marginais tiveram a covardia de tirar sua vida aos 65 anos de idade. Ela sempre participou das lutas populares, no Movimento Contra a Carestia, na favela Baitira. Veio para a Vila 1.º de Outubro em 1981 e aí começou uma luta enfrentando a cozinha coletiva, fazendo comida para o pessoal que estava ocupando a Vila, por uns 60 dias. Enfrentou a polícia com toda energia, com muita garra, quando tentaram nos tirar da Vila. Ajudou a buscar apoio para os moradores em todos os lugares, nos sindicatos, na prefeitura, na Assembleia Legislativa, na Câmara de Vereadores.

Teve um papel destacado na luta pela água, luz, sempre disposta a conquistar melhoramentos para nossa Vila. Ajudou a organizar as festas de aniversário. Sempre se mostrou animada na briga contra Figueiredo, Paulo Maluf e Delfim Neto, apesar de ser uma senhora de 65 anos, analfabeta. Mas não lhe faltava conhecimento prático e a compreensão de que estes são os maiores inimigos do povo.

Sua última grande luta foi apoiando a Chapa 1 dos metalúrgicos. Trabalhou entusiasmadamente nas portas de fábrica. Numa delas encontrou um padre que apoiava a Chapa 2. Aí ela lhe disse que tomasse vergonha e fosse para a igreja rezar.

Esta morte para nós, moradores da Vila 1.º de Outubro, representa uma perda muito grande, porque a Vó era uma combatente decidida contra este governo de fome, responsável pelo empobrecimento e a marginalização do povo, que criou este mesmo assassino que matou esta grande combatente. Maria do Nascimento Bernardes, conhecida como Vó, morreu. Mas seu espírito de luta continua entre nós. Travei muitas lutas junto com ela. Estivemos ombro a ombro quando fui agredido no quebra-pau em frente ao Sindicato dos Metalúrgicos. Ela estava firme segurando meu braço junto com outra companheira para tirarem foto da minha perna.

A Vó nasceu em Brumado, na Bahia, em 19 de junho de 1918. Morava em São Paulo desde 1956, primeiro no interior e depois na capital. (Armando Silva — São Paulo, SP)

Cobrador torturado pela polícia em Gravataí

Adelino Fagundes das Chagas, casado, cobrador, 38 anos, trabalha na Sogil de Gravataí, Rio Grande do Sul.

O cobrador foi seqüestrado por três policiais que tripulavam um Chevette particular chefiado por Adilson (chefe de investigação da DP de Gravataí). Adelino estava a 400 metros de sua residência quando foi atacado pelos policiais, que o levaram a Porto Alegre encapuçado. Na free-wai, estrada que vai às praias, foi despido e obrigado a tomar banho na água gelada. Estas brutalidades policiais que ainda incluíram pau-de-arara e choques elétricos, ocorreram na madrugada de 8 de agosto.

O Sindicato dos Rodoviários levou o caso de Adelino até a Secretaria de Segurança Pública, porque não é o primeiro caso de agressão praticado pelos mesmos policiais. Há seis meses atrás eles quebraram as costelas, nariz e dedos do motorista Antônio Lippert. No dia 17 de agosto mais de 500 motoristas e cobradores fizeram um protesto em frente à Delegacia de Polícia. (amigo da TO em Gravataí — Rio Grande do Sul)



Adelino e as marcas de tortura nos braços

Vidreiros iniciam campanha salarial com espírito de luta

Nós, trabalhadores vidreiros de São Paulo, vamos dar início agora, no próximo mês, à nossa campanha salarial. Desta vez esperamos fazer um bom acordo, pois a turma está disposta a arrancar dos patrões tudo que tem direito, nem que seja preciso fazer greve.

Nossa categoria é uma das mais sofridas do país. A crise criada pelo regime militar nos atingiu duramente. O arrocho salarial reduziu brutalmente nossos vencimentos e, hoje, como todos trabalhadores brasileiros, somos vítimas do desemprego. A automação nas empresas provocou uma demissão em massa dos vidreiros paulistas. Desde 1978, quando teve início o processo de automação mais de 100 empresas fecharam as portas, enquanto as médias e pequenas indústrias reduziram suas atividades.

Uma categoria que contava com cerca de 32 mil trabalhadores no Estado, hoje está com apenas 22 mil pessoas. Cerca de 10 mil vidreiros perderam o emprego. A situação é desesperadora e levou até um

dos nossos companheiros, José Felipe Bezerra, ao suicídio, recentemente, depois de ser demitido da Nadir Figueiredo, onde trabalhou 23 anos.

As condições de trabalho nas empresas são péssimas. Existem várias seções insalubres e diversos tipos de doença profissional. O Sindicato tem trabalhado para organizar a categoria. E, embora até o momento os trabalhadores não estejam suficientemente organizados nos locais de trabalho, nós estamos otimistas.

Sabemos que há uma grande disposição de luta. Ninguém está disposto a continuar sofrendo com o desemprego, o arrocho salarial e com as doenças adquiridas no trabalho. Reivindicamos estabilidade, insalubridade, melhoria salarial, entre outras coisas. Sabemos também que, para pôr fim aos abusos atuais, mais do que lutar contra os patrões (o que vamos fazer nessa campanha salarial), é preciso acabar com esse regime militar que está aí. (Antônio Fernandes da Silva, vice-presidente do Sindicato dos Vidreiros de São Paulo)



fala o POVO

J á tínhamos notícia da morte de Maria Bernardes, a Vó. E estávamos com o coração pequeninho, com saudades de seu espírito de luta e de seu sorriso aberto. Recebemos uma carta de um seu companheiro de lutas da Vila 1.º de Outubro, que participou de muitas batalhas com ela nas quebradas da vida; expressando o sentimento de todos os moradores da Vila 1.º de Outubro, que a Vó ajudou a conquistar.

J untamos aqui nossa homenagem a essa grande companheira, um exemplo de alegria e otimismo que deve servir a todos, inclusive à nova geração de combatentes que surge neste país.

(Olivia Rangel)

Mulheres de Vila Prudente preparam seu I Encontro

No dia 23 de setembro realizamos o I Encontro de Mulheres de Vila Prudente. Gostaríamos de ressaltar a importância deste Encontro, tendo em vista toda a conjuntura atual que está levando nosso povo a refletir mais os seus problemas e discutir suas saídas. E como mulheres, e da região, sentimos a necessidade de estarmos discutindo junto aos nossos companheiros e levando também nossas bandeiras específicas. As reuniões de organização são aos sábados, às 14h, na subseção do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, na rua Capitão Pacheco Chaves, 991 (Próximo ao Largo de Vila Prudente). Contamos com sua participação. (Associação Feminina de Vila Alpina, Conselho da Condição Feminina, Fábex de V. Prudente, Núcleo do PT de V. Alpina e União de Mulheres de S. Paulo)

Prefeito de Santa Inês malufou prá valer

Todo o Maranhão ficou estarelecido quando, há alguns dias, a imprensa da capital levou a público os crimes praticados pelo prefeito de Santa Inês contra o operário público municipal.

Julgou-se que, desmascarado, o desonesto prefeito Franklin Steff Seba diminuiu o ritmo da rapinagem, mas enganamo-nos. Fim do inverno, as ruas do centro da cidade continuam em péssimo estado de conservação, os bairros esburacados e sem condições de tráfego para veículos e os povoados desassistidos e abandonados à própria sorte. O funcionalismo continua com seus parcos vencimentos atrasados. Há mais de três meses o prefeito não faz o repasse da Câmara Municipal, embora há cerca de um mês tenha despendido Cr\$ 20 milhões do Fundo de Participação para subornar o vereador Renewton Ribeiro para que este renunciasse ao seu cargo para que sua vaga fosse assumida pelo primeiro suplente, integrante da "panelinha" do poder. Assim agiu Seba para que a Câmara não contasse mais com os dois terços indispensáveis à sua inevitável cassação.

A quota, parte do Fundo de Participação dos Municípios, destinada a Santa Inês no mês de julho foi de Cr\$ 73.950.162,00. Desta quota, Cr\$ 23.000.000,00 foram parar na conta particular de dona Maria Ivanilde Raposo Prado, "esposa" do prefeito.

Desavergonhosamente o prefeito telefonou para o presidente da Câmara propondo-lhe um acordo: a Câmara receberia o equivalente ao pagamento de um mês dos vereadores e dos funcionários e o prefeito repassaria o restante em poucos dias. A proposta foi rejeitada porque os vereadores não confiam em suas promessas e, deste modo, a Câmara entra para o quarto mês sem receber sequer o necessário para as despesas da Casa.

Os infelizes funcionários da Prefeitura só receberam em julho os vencimentos do mês de maio. No dia do pagamento, 18 de julho, cerca de 100 professores lotaram as dependências do prédio da Prefeitura a fim de receberem o salário. Muitas senhoras gestantes desmaiaram, pois não haviam sequer tomado o café naquele dia.

Agora perguntamos: até quando o povo agüentará tudo isto? Até quando o governador do Estado fará ouvidos de mercador às denúncias reiteradas e provadas de corrupção e rapinagem praticadas por Franklin Seba? Até quando o prefeito, sua amábia e camarilha continuarão a enriquecer com a apropriação indevida do dinheiro do município? Responda quem souber... (leitor da TO em Santa Inês — MA)



Denunciada exploração na construção civil

Nós, operários da empresa J. Cruz Engenharia e membros da atual diretoria do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Construção Civil de Belém do Pará, exigimos os direitos dos trabalhadores que não estão sendo cumpridos de acordo com a convenção coletiva na empresa em que trabalhamos. Falta equipamento de segurança e proteção ao trabalhador, bebedouro, sanitário. Tem um buraco onde os operários fazem as suas necessidades. O mau cheiro se espalha por quase todo o canteiro da obra.

A empresa está demitindo todos os operários e colocando empreiteiros para fazer o serviço, sem carteira assinada. Fomos ao escritório do dono da firma, Jorge Cruz, para reclamar. Ele nos disse que temos 4 anos de estabilidade para trabalhar na empresa e que portanto tínhamos que ficar do lado dele e defender a firma, os operários que se lascassem.

Só que nós assumimos um compromisso com a classe operária e jamais vamos trair nossos companheiros; não aceitamos a exploração e o desrespeito com a classe operária que constrói esse país, os edifícios e mansões tão bonitas mas que mora nas piores casas. A maioria não tem sequer um barraco.

Somos nós, operários, que derramamos nosso sangue para dar toda

essa mordomia e conforto para esses capitalistas. Por exigirmos o que é direito dos trabalhadores fomos afastados do canteiro de obras e transferidos para uma garagem atrás do escritório da empresa. Mudaram nosso horário de trabalho para nos isolar dos trabalhadores. Proibiram os operários de falar conosco sob ameaça de demissão, o que já ocorreu com dois operários, um armador e um sergente. Eles foram dispensados sem aviso prévio e por "justa causa".

Tai uma prova de que a classe patronal não quer ver o trabalhador esclarecido sobre seus direitos nem organizado. Portanto, companheiros, temos que combater esse poder capitalista e também o regime militar que vive às custas do trabalhador. Aqui estamos isolados. Quando encerra o expediente eles nos mandam sair e fecham a garagem. Como moramos longe somos obrigados a fazer nossa refeição na rua. Sabemos que isso é o mínimo que pode ocorrer com qualquer dirigente sindical e todos que lutam em defesa do trabalhador. Como operários que somos temos de lutar até às últimas consequências. Um dia venceremos e chegaremos a nosso objetivo, liberdade e autonomia sindical e igualdade para todos. (Raimundo Moacir Martins e Orlando dos Santos, diretores do Sindicato da Construção Civil de Belém-Pará)



Operário da Taurus avalia greve na empresa

Nós, operários da Taurus, fizemos uma reunião no Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. Compareceram 70 companheiros e aí fizemos uma pauta de reivindicações: 30% de aumento real, equiparação salarial, fim da repressão dentro da fábrica, melhoria no atendimento médico interno e na comida etc. Esta pauta foi entregue aos patrões, com exigência de resposta para o dia 10 de agosto.

Os patrões passaram de seção em seção prometendo antecipação de 15%. Os operários não entraram no engodo e marcaram greve para segunda-feira. No dia, picamos o cartão e, seguindo as orientações do Sindicato, que já estava na porta da empresa, fomos para o pátio. O gerente financeiro, Antônio Carlos de Carvalho, procurou os operários um por um e disse que não negociaria com o Sindicato. Ninguém deu atenção a ele; como represália a Taurus cortou o café e o almoço.

Não precisou nem de piquete para o pessoal da noite parar. Às 20 h entra na fábrica o odiado capitão Nóbrega, que veio com um batalhão de choque que expulsou os grevistas da empresa. O pessoal se reuniu numa praça em frente e decidiu: "Vamos continuar a greve". No dia 20 a greve foi decretada ilegal e os patrões esperavam que a gente fosse voltar de cabeça baixa.

Mas ninguém voltou. Os patrões ficaram desesperados e colocaram placas na porta da fábrica admitindo o pessoal, como forma de pressão. Mandaram cartas para a casa dos operários, mandaram até chefes para ameaçar o pessoal em casa. No dia 24 fizemos uma assembleia e decidimos voltar ao trabalho.

Não houve descontentamento. À noite fizemos uma assembleia com 70% dos operários da fábrica no Sindicato. A reunião decidiu que se os patrões não negociarem os trabalhadores vão parar outra vez. Como represália, a Taurus mandou cartas para 33 operários dizendo que eles só receberão o FGTS. E a repressão aumentou.

A greve foi um exemplo inclusive para as outras empresas. Segundo a diretoria do Sindicato, muitas empresas estão dando aumento com medo da greve. O movimento serviu também para aumentar a união dos operários; antes para levar um companheiro para uma assembleia do Sindicato era a maior dificuldade. Agora é muito fácil. A greve também acabou com a ilusão de alguns companheiros que achavam a empresa uma maravilha. Muitos que não aceitavam o Sindicato estão falando agora que ele é o único órgão que defende o trabalhador na hora que ele precisa. (operário da Taurus — São Paulo, SP)

Coleção de vitórias de Joaquim Cruz na temporada européia

Joaquim Cruz, solitário representante brasileiro no ranking dos grandes atletas mundiais, coleciona vitórias na temporada européia do atletismo. E entra para a restrita galeria dos ídolos do combatido esporte nacional.

O atleta brasileiro é mesmo incorrigível. Por mais que as evidências demonstrem a ausência de apoio, verbas e organização, sempre aparece um herói para envaiecer os incompetentes dirigentes do nosso esporte amador. Não foi isso que fizeram Ademar Ferreira da Silva, João do Pulo, Sílvio Fiolo e Pradinho?

Foi essa moçada que manteve o sopro de vida do esporte nas décadas de 50, 60 e 70. E por mais uns bons seis ou oito anos o espetáculo está

garantido. O magnífico meio-fundista Joaquim Cruz se encarrega da tarefa.

SEM BADALACÃO

Vencedor da medalha de ouro dos 800m rasos em Los Angeles, o "Cavalo", como foi apelidado pela imprensa internacional, vem ganhando todas as provas nas quais se inscreve na temporada européia de atletismo deste ano. Na primeira semana de competições, venceu quatro provas — em Nice, Zurique, Bruxelas e Colônia. Melhorou sucessivamente seus tempos até encostar em 0,04s aquém do recorde mundial do inglês Sebastian Coe, registrado em 1981. É, também, um dos poucos vencedores de Los Angeles que não teve a marca derrubada nos Jogos da Paz.

As páginas da imprensa especializada terão pauta quente e os fabricantes de artigos esportivos terão uma boa imagem de propaganda por longo tempo: Cruz tem apenas 22 anos. A mesma sorte, porém, não parece favorecer os cartolas. O campeão já mandou avisar que não quer badalação com quem nunca lhe ajudou em nada.

A sua forma física e o seu aperfeiçoamento técnico foram conseguidos em dois treinamentos sob a custódia de uma bolsa de estudos nos EUA. E para provar que fala sério, recusou um "presentinho" da Rede Globo ao recomendar à sua família que não aceitasse a casa que Roberto Marinho lhe oferecia. São ou não uns incorrigíveis teimosos? (J. Madureira)



Joaquim Cruz: perseguindo o recorde mundial na Europa

Deturpações da história nas escolas públicas

"Dom Pedro, convencido de que Portugal pretendia escravizar o Brasil, retirou do chapéu as cores portuguesas e proclamou: *Independência ou morte! Estamos livres de Portugal!*" Assim, os livros didáticos inculcam nos nossos pobres estudantes a história da autonomia do Brasil em relação a Portugal. Todo 7 de Setembro o assunto vem à baila. Impingem Pedro I como o herói da Independência. Mas a história não foi bem essa...

A citação acima foi tirada do livro "História do Brasil", de Maria Januária Vilela Santos. Não é caso único. O sociólogo Gisálio Cerqueira Filho e a professora Gizlene Nader fizeram um levantamento em 23 livros didáticos dos mais utilizados nas escolas brasileiras, e constataram que a independência do Brasil é apresentada, neles, "num quadro de consenso, com pouco conflito e particularmente um movimento político incruento, obtida facilmente, quase uma dádiva da Metrópole".

As inúmeras lutas pela liberdade do país, nas quais, centenas e centenas de patriotas derramaram seu sangue, de Felipe dos Santos a Frei Caneca, passando por Tiradentes, "são apresentados como algo de menor importância", afirmam os autores, no seu estudo intitulado "Conciliação e Violência na História do Brasil" (publicado no nº 2 de "Encontro com a Civilização Brasileira", 1978).

Tratando também da historiografia oficial - mais precisamente da história do Brasil como é veiculada nos manuais adotados nas escolas de 1º e 2º graus - a professora Norma Abreu Telles publicou recentemente pelas Edições Loyola o trabalho "Cartografia brasileira: esta história está mal contada". Ela abordou 12 livros escolares, e concluiu que eles deixam claro que "os dominadores, identificados com o branco em geral, são os doares da verdadeira cultura, da verdadeira religião, da civilização superior. Civilização se identifica com este grupo" (os europeus que vieram ao Brasil e ao Continente Americano de um modo geral), "enquanto aos outros resta a barbárie".

Livros didáticos inculcam ideologia da classe dominante

Os livros didáticos são importantes instrumentos de inculcamento ideológico. Como alerta a professora Norma, os manuais de História "nos primeiro e segundo graus, veiculam, com diferenças mínimas, o mesmo conteúdo durante os onze anos de duração do proces-



D. Pedro perseguiu os patriotas, mas na escola virou o "herói da independência".

so educacional escolar. Uma tal repetição de tópicos faz com que, se o aluno não aprender por interesse, aprenda por cansaço, por inércia, de tanto ouvir as mesmas coisas, e, ao mesmo tempo, na reiteração está implícita uma ideia perigosa: a de que não há mais nada para ser tratado, detalhado, narrado".

Existe mesmo a "indole pacífica" do brasileiro?

Gisálio Cerqueira Filho e Gizlene Nader, no trabalho antes mencionado, destacam que nos livros escolares o brasileiro "aparece como dotado de espírito de passividade, que procura solucionar sempre diplomaticamente os problemas que surgem, por mais delicados que sejam". E alertam que a tese da não violência do brasileiro "tem sido inclusive constantemente invocada para mostrar a incapacidade do povo brasileiro de realizar um projeto revolucionário de transformação social e política".

Para garantir a lenda do "brasileiro pacífico", os manuais didáticos varrem da nossa história acontecimentos "como a aculturação, destribalização, tomada de terras, genocídio de nações e grupos", destaca a

professora Norma. A escravatura é apresentada de modo a eximir de qualquer responsabilidade os traficantes e as empresas do tráfico negreiro. "Os culpados pela escravidão passam a ser o índio que não se adaptou ao trabalho ou o próprio africano que já conhecia este regime servil e portanto a ele estava acostumado".

Com relação ao assunto, Plínio Salgado na sua "História do Brasil" (Editora FTD) chega a afirmar na página 141: "Mesmo no cativeiro, poderiam os pretos ser instruídos na doutrina cristã, elevando o seu nível mental e preparando-se para a liberdade". Como se vê, o negro não só estava adaptado à vida escrava, como também não estava preparado para a liberdade, já que não era cristão...

Aliás, sobre o "cristianismo" dos livros didáticos a professora Nelma comenta: "Fazendo apologia do cristianismo, os manuais persistem na dicotomia do mundo entre pagãos e cristãos. Ora, o termo pagão designa não só o homem que não é cristão, mas igualmente um ímpio, que não tem religião. A conotação é pejorativa e se liga aos povos que qualifica. Se a conversão à religião cristã é apresentada como próficio de desenvolvimento e civilização, inversamente, a preservação das religiões ancestrais pode cons-

tituir exemplificação de uma decadência".

Uma história que visa perpetuar o arbítrio

Não é fortuito, portanto, o fato de D. Pedro I ser o grande herói da independência nos manuais escolares e nas festividades oficiais. Esse reacionário absolutista e carrasco de muitos patriotas, como o caracterizou Pedro Pomar em seu trabalho "O povo conquistará a verdadeira independência", é bem um símbolo dos heróis oficiais que as classes dominantes buscam nos impor. O episódio da independência, assim como o conjunto de nossa história apresentada nos manuais didáticos, visa distanciar o povo de seu papel de verdadeiro agente das transformações sociais. Visa "perpetuar e legitimar as situações de arbítrio", como afirma a professora Norma em seu livro.

Nos compêndios, a visão histórica é mesmo a do "Samba do Crioulo Doido", de Stanislaw Ponte Preta, onde a princesa Leopoldina casa com Tiradentes, proclama a escravidão e vira trem, enquanto D. Pedro não é mais que uma estação ferroviária onde "o trem está atrasado ou já passou"...

Calendário do futebol volta à normalidade da improvisação

A CBF não resistiu à pressão dos clubes e rasgou o calendário anteriormente planejado para 1984 e 1985. O futebol, assim, retorna à triste normalidade da improvisação e do imponderável.

O calendário não era nenhum primor de organização e planejamento. Aqui mesmo já haviam sido indicadas as suas principais fraquezas. Entretanto, continha um mínimo necessário de previsão de datas e fixação dos critérios das competições oficiais. Se a sua elaboração não representava um avanço de grande significação, já o congelamento apenas mantém a ineficiente e medíocre estrutura do futebol profissional.

Como sempre a decisão motivou-se na politicagem rasteira que domina as entidades dirigentes do futebol. 1985 é ano de eleições na CBF. Giulite Coutinho, atual presidente, e João Havelange, presidente da FIFA, inimigos políticos até alguns meses atrás, poliram as divergências e deci-

diram unificar as forças na candidatura de Abílio de Almeida. Para fazer vitoriosa a aliança, precisam dos votos das federações do Norte e Nordeste do país. Isso explica o retrocesso. Aumentando para 40 o número de participantes da Taça de Ouro, todas as regiões do país serão contempladas com as cobiçadas vagas, futuramente convertidas em preciosos votos para Abílio de Almeida.

Afora prejudicar o futebol, a manobra estabelece nova ameaça de cisão na competição. Os membros da Associação de Clubes Profissionais, formada pelos "grandes" de São Paulo, Rio, Minas e Rio Grande do Sul, prometem boicotar o campeonato nacional e organizar um torneio paralelo. Justificam a rebeldia com dupla argumentação. Consideram deficitária a disputa da Taça de Ouro como quer a CBF e vêem malograr a candidatura do deputado Márcio Braga, que vinham articulando para a sucessão de Coutinho na CBF (JM)

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista - São Paulo - CEP 01318.
 Telefone: 36-7531 (DDD 011)
 Telex: 01132133 TLOBR.
 Jornalista Responsável: Pedro de Oliveira.
 Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olívia Rangel.
 ALAGOAS - Arapiraca: Praça Luís Pereira Lima, 237, sobrelaje, CEP 57000, Maceió: Rua Cincinato Pinto, 183 - Centro - CEP 57000.
 AMAZONAS - Manaus: Rua Simom Bolívar, 231 (ant. Praça da Saúde) - Caixa Postal 1439 - Rua João Pessoa, 53, São Lázaro - Telefone 237-6644 - CEP 69000.
 BAHIA - Camaçari: Rua José Nunes de Matos, 12 - CEP 42800. Feira de Santana: Av. Santos Dumont, 218 - Centro - CEP 44100. Itabuna: Av. do Cinquentenário, 928, 1º andar, sala 1, Centro - CEP 45600. Itapetinga: Av. Santos Dumont, 44, 1º andar - Centro - Juazeiro: Rua Américo Alves, 6A - CEP 44060. Salvador: Rua Senador Costa Pinto, 845, Centro - CEP 40000. Simões Filho: Praça 7 de Setembro (prédo da antiga Cimesf) - CEP 43700.
 DISTRITO FEDERAL - Brasília: Edifício Venâncio IV - sala 312 - CEP 70302.
 CEARÁ - Fortaleza: Rua do Rosário, 313 - sala 206, Centro - CEP 60000. Iguatu: Rua Floriano Peixoto, 408, 2º andar - CEP 79960. Sobral: Av. Dom José, 1236, sala 4 - CEP 62100.
 ESPÍRITO SANTO - Cachoeiro do Itapemirim: Praça Gerônimo Monteiro, 89, sala 2 - Centro - CEP 29300. Vitória: Rua Duque de Caxias, 112, Edifício Aguiar, sala 15 - CEP 29000. Rua Francisco Araújo, 77 (esquina com escadaria Cleto Nunes), Centro - CEP 29000.
 GOIÁS - Goiânia: Rua 27, nº 69 - Centro - CEP 74000. Formoso: Rua Emílio Póvoa, sala 4 - CEP 77200. Anápolis: Rua Desembargador Jaime, 193, sala 205 - CEP 77100.
 MARANHÃO - São Luis: Rua da Saavedra, 99 - Centro - CEP 65000.
 MATO GROSSO - Cuiabá: Rua Comandante Costa, 548 - Fone 321-5095 - CEP 78000.
 MATO GROSSO DO SUL - Campo Grande: R. Antônio Maria Coelho, 1152, 1º andar, sala 15 - CEP 79100.
 MINAS GERAIS - Belo Horizonte: Rua Padre Belchior, 285 - Centro - Fone: 224-7605 - CEP 30000. Juiz de Fora: Galeria Constança Valadares, 3º andar, sala 411 - CEP 36100.
 PARA - Belém: Rua Aristides Lobo, 620 - Centro - CEP 66000.
 PARAIBA - João Pessoa: Rua Duque de Caxias, 540 - 2º andar, sala 201 - Calçadão - Centro - CEP 58000.
 Campina Grande: Rua Venâncio Neiva, 318 - 1º andar - CEP 58100.
 PARANÁ - Curitiba: Rua Tibagi, 426 - CEP 80000. Londrina: Rua Sergipe, 891 - salas 7 e 8 - CEP 86100.
 PIAUÍ - Teresina: Rua Eliseu Martins, 1130 - 3º andar - CEP 64000.
 PERNAMBUCO - Cabo: Rua Vígario Batista, 236 - CEP 54500. Garanhuns: Rua Dantas Barreto, 5 - sala 1 - Centro - CEP 55300. Recife: Rua Sossogo, 221, Boa Vista - CEP 50000.
 RIO GRANDE DO NORTE - Natal: Av. Presidente Bandeira, 406, sala 109 - Alecrim - CEP 59000.
 RIO GRANDE DO SUL - Porto Alegre: Rua General Câmara, 52, sala 29 - CEP 90000. Caxias do Sul: Rua Dal Cannale, 1891, 2º andar, fundos, CEP 95100. Pelotas: Rua Andrade Neves, 1956, sala 403 - CEP 96100. Cachoeirinha: Av. Flores da Cunha, 1325, sala 20. Aberto depois das 18 horas e sábados das 9 às 12 horas.
 RIO DE JANEIRO - Rio de Janeiro: Rua São José, 90, sala 2208 - CEP 20000. Niterói: Rua Alvaro Alvim, nº 31, sala 1801 - CEP 24000. Duque de Caxias: Rua Nuno Álvares Pereira, 101 - CEP 25000. Nova Iguaçu: Av. Marechal Flores, nº 2248, sala 4 - CEP 26000.
 SÃO PAULO - Americana: Av. dr. Antônio Lobo, 281, sala 6 - CEP 13470. Campinas: Rua Costa Aguiar, 333, telefone 26345 - CEP 13100. Marília: R. Joaquim Barreto, 295 - CEP 17500. Osasco: Rua Tenente Avelar Pires de Azevedo, 24 - CEP 08000. São João del-Rei: Rua Santa André - Travessa Lourenço Rondinelli, 35 - Centro - CEP 09000. São Bernardo do Campo: Av. José Arthur da Frola Moreira, 61 - Ferrazópolis - CEP 09000. São José dos Campos: Rua Vilaça, 195, 1º andar - sala 19 - Centro - CEP 12200. Taubaté: Rua Souza Alves, 632, sala 5, CEP 12100. SERGIPE - Aracaju: Rua Araújo, 599 - CEP 49000.
 TAMBORÃO - Operária: Rua publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composição, Past-Up, Fotolito e Impressão, Cia. Editora Jorjús, Fone: 815-4999 - São Paulo - SP.

Tribuna Operária

Quando você faz uma assinatura semestral ou anual da Tribuna, economiza mais de Cr\$ 40 por exemplar. Além disso, recebe seu jornal em casa toda semana. E ainda ajuda a imprensa operária, que depende do apoio dos trabalhadores para sobreviver e crescer. Assine a Tribuna, preencha e envie hoje mesmo o cupom ao lado.

Sim, eu quero receber a Tribuna Operária. Envio junto com este cupom um cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., pela seguinte opção de assinatura:

Anual de apoio (52 edições) Cr\$ 40.000,00
 Anual comum (52 edições) Cr\$ 20.000,00
 Semestral de apoio (26 edições) Cr\$ 18.700,00
 Semestral comum (26 edições) Cr\$ 9.350,00
 Anual para o exterior (em dólares) US\$ 70,00

NOME:
 ENDEREÇO:
 BAIRRO:
 CIDADE: CEP:
 ESTADO: DATA:

Preços válidos por tempo limitado. Envie hoje o seu cupom.

Enderece a carta com seu pedido de assinatura para a Editora Anita Garibaldi: Rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista - São Paulo, SP, CEP 01318.

Receba em casa a Tribuna Operária pagando apenas Cr\$ 360 por exemplar

Quando você faz uma assinatura semestral ou anual da Tribuna, economiza mais de Cr\$ 40 por exemplar. Além disso, recebe seu jornal em casa toda semana. E ainda ajuda a imprensa operária, que depende do apoio dos trabalhadores para sobreviver e crescer. Assine a Tribuna, preencha e envie hoje mesmo o cupom ao lado.

Tribuna Operária
 Povo volta às ruas
SEMANA DECISIVA PARA DIRETAS-JÁ

Assine a Tribuna, preencha e envie hoje mesmo o cupom ao lado.

Ação de guerra em Camaçari

A intransigência patronal fez com que os petroquímicos do Pólo de Camaçari, na Bahia, paralisassem suas atividades na Pronor, Melanina, Nitrocarbono e Políden. A greve durou quatro dias. Desesperados, os patrões transformaram o Pólo num imenso campo de guerra, com PMs armados inclusive de metralhadoras e bombas de gás lacrimogênio.

Para os patrões do Pólo Petroquímico de Camaçari, o trabalho dos operários vale mais que ouro. O faturamento de todo o Pólo é estimado em cerca de 3 bilhões de dólares anuais, tomando como base o ano de 1983, com uma produção de quase 4 milhões de toneladas de matéria-prima e industrializada. As 33 indústrias químicas produzem 50% da oferta nacional de matéria-prima no setor e 19 mil empregos diretos, representando ainda 27% de toda a arrecadação de ICM no Estado.

Por isso mesmo, o menor sinal de greve no Pólo significa um alerta para o patronato. Desta vez, quatro empresas pararam ao mesmo tempo e mais duas, a Nitrofertil e a oxiteno, estavam prontas para parar. A repressão foi violenta. Viaturas policiais percorriam todo o trecho da Via Parafuso, que liga Camaçari a Salvador. Logo na madrugada do dia 25, foram presos 17 sindicalistas entre eles o presidente do SindiQuímica, Nilson Bahia, o diretor do Sindicato, Jacques Wagner, e o ativista Fernando Marins. Eles foram espancados e só foram liderados pela manhã. Os "modernos" empresários do Pólo mostraram que, quando se trata de defender seus lucros, não hesitam em acionar inclusive métodos fascistas.

Camaçari se transformou em uma praça de guerra

O presidente do SindiQuímica acusou diretamente o sindicato patronal pela repressão, particularmente o superintendente da Acrinor, Plínio Coutinho. Este afirmou à imprensa que o movimento dos trabalhadores era "teleguiado". Fez chantagem dizendo que poderia "ocorrer uma catástrofe no Pólo, atingindo Salvador". Tudo isso para intimidar os operários. Mas estes se mantiveram firmes, defendendo a volta das negociações suspensas pelos patrões. A união em torno do Sindicato podia ser constatada na porta da Pronor, onde os operários afirmavam: "Nossa decisão é de levar a greve até o fim das negociações através do SindiQuímica".



Acima, operários da Pronor, últimos a voltarem ao trabalho; ao lado, o apoio de parlamentares do PMDB

Desta vez os patrões não apelaram para a "ilegalidade" da greve.

Segundo avaliação do diretor-superintendente do SindiQuímica, Izanor Pereira, a violência aumentou quando parou a Nitrocarbono, cujo superintendente, Antônio Silva Lima, é um dos cabeças da repressão.

O clima de guerra no Pólo criou grande revolta entre os operários. Reunidos na porta da Pronor, toda vez que passava uma viatura policial, eles gritavam: "Abaixo a repressão!". Um operário desmascarava as mentiras do Plínio Coutinho dizendo que isso era "jogo sujo dos patrões". Um outro rebatia as acusações de que o movimento era dirigido pela esquerda radical afirmando: "Isto é o trabalhador que está unido, organizado para reivindicar os seus direitos".

Através de um boletim, o SindiQuímica denunciou a intransigência patronal: demitiram mais um diretor da Associação dos Proquímicos; negaram inclusão da Nitrofertil no acordo coletivo; no início das negociações propriamente ditas se negaram a atender às reivindicações dos trabalhadores: 100% do INPC a partir de agosto e a continuidade dos reajustes trimestrais existentes desde 1974 e que os patrões pretendem acabar; equiparação do adicional concedido ao pessoal de



turno com o que é pago por empresas como a Petrobrás e a Petrofertil, de 88,5%, enquanto no Pólo é de apenas 56,8%. Os petroquímicos querem reposição salarial, já que de setembro de 1983 até agosto deste ano seus salários foram desvalorizados em 40%. "A intransigência dos patrões é que provocou a greve" — declarou Bahia.

A greve contou com muito apoio do povo

Os trabalhadores voltaram ao trabalho exigindo a retomada das negociações entre os empresários e o Sindi-

química. Mas na Pronor, última fábrica que voltou a funcionar, os operários conseguiram estabilidade de um ano para os grevistas, acesso livre do Sindicato na empresa e reinício das negociações com retirada do aparato policial.

O movimento dos petroquímicos teve grande repercussão e conquistou o apoio de diversos setores da população, que se opuseram à violência. Mais de 25 entidades e sindicatos repudiaram publicamente a repressão. No dia 27, uma comitiva de parlamentares saiu da Assembléia Legislativa para o Pólo, solidarizando-se com os operários.

(da sucursal).

Um surto de greves atinge Salvador

A situação dos trabalhadores baianos se agrava a cada dia. Com a greve dos petroquímicos e a repressão patronal cresceram a revolta e o ânimo de diversas categorias. Na Caraíba Metais, 2.500 metalúrgicos não foram atendidos em suas reivindicações e fizeram greve de fome a partir de zero hora do dia 28. O presidente do Sindicato, José Costa, afirma que, se não houver resposta dos patrões, os operários podem parar a produção a partir de 1º de setembro. Na Usiba, estatal, os operários se movimentam pela melhoria das condições de alimentação e por aumento de 4% liberado para as estatais, mas que os trabalhadores de menor salário (a maioria) não recebem.

Os 2.500 têxteis em campanha salarial também vão parar a produção. Segundo Daniel Gomes, presidente do Sindicato, a pressão policial nas fábricas está revoltando os operários, criando um clima de guerra. Os têxteis reivindicam reajuste de 15% acima do INPC e outras questões trabalhistas, todas negadas pelos patrões da Fisiba, Celanese e Banylsa. Já na Cobafi os trabalhadores decidiram em assembléia suspender a greve iniciada dia 28, pois conseguiram quebrar a intransigência patronal e derrotar o 2.065: conquistaram reajuste trimestral de 100% do INPC e salários adicionais.

Os bancários, em campanha salarial, enfrentam a intransigência dos banqueiros, que insistem em aplicar o 2.065. Reivindicam 100% do INPC para todos e salário de ingresso reajustado acima do INPC. Alvaro Dias, do Sindicato, considera que haverá paralisação caso a intransigência dos patrões se mantenha.

As greves têm despertado os ativistas e sindicalistas para a luta decidida contra a exploração patronal e o 2.065. O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos considera que os trabalhadores estão premidos por uma situação de miséria e diante do aprofundamento da crise vão à luta.

Conflitos pela terra em Minas

Cerca de 2 mil e duzentas famílias de pequenos proprietários rurais de Janaúba, norte de Minas, estão lutando contra a tentativa da Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco de desapropriar suas terras, na margem esquerda do rio Gorutuba, para implantar um projeto de irrigação. Outros conflitos pela terra ocorrem no norte mineiro.

A resistência a Codevasf levou, em 1979-1980, à formação do Sindicato dos Trabalhadores de Janaúba, o que facilita agora a organização dos cam-

poneses da localidade. No dia 29 de julho deste ano, uma assembléia de cerca de 3 mil pessoas decidiu rejeitar o projeto da Codevasf e propôs as seguintes medidas: reassentamento das famílias da margem direita, prejudicadas pela desapropriação; pagamento imediato do valor da desapropriação, acrescido de juros por perdas e danos aos que ainda não receberam; formação de uma comissão composta pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Janaúba, Fetaemg e vereadores locais para estudar e opinar sobre a forma de implantação do projeto Gorutuba.

No último dia 26 a Codevasf tentou, através da Marplan, entrar a força na área de litígio. Os trabalhadores reagiram dominando os invasores, colocando-lhes facão no pescoço e ameaçando-os de morte. Vicente Lemos, Delegado Regional de Polícia, tentou libertar os funcionários mandando uma patrulha de 10 soldados para o local do conflito. Para surpresa destes, cerca de 300 trabalhadores, emboscados no mato, prenderam todos sob ameaça de foices, paus e espingardas. Os posseiros exigiram para libertar os funcionários e o material da Marplan negociações com a pre-

sença do Sindicato e da Fetaemg; e o compromisso de que a empresa não entraria mais em terra dos posseiros sem prévia autorização.

LUTA EM VARZELÂNDIA

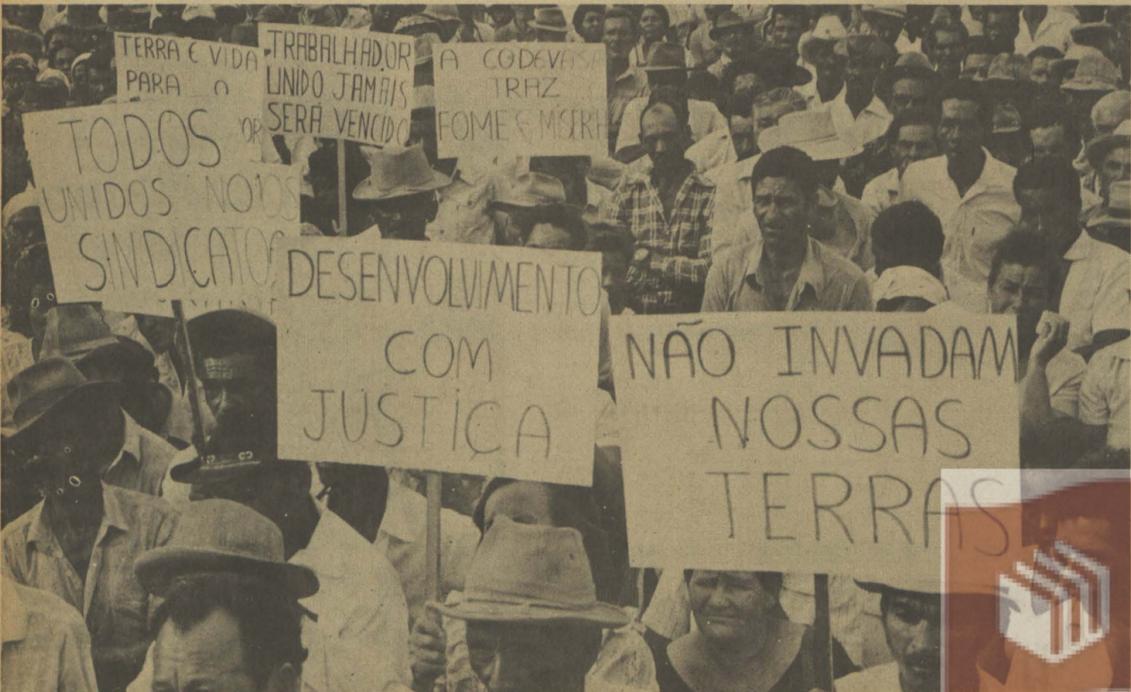
Após 17 anos de lutas consecutivas, 212 famílias expulsas de suas terras em Cachoeirinha viram frustrar temporariamente suas esperanças de solução do problema. Isto porque o Tribunal de Justiça de Minas acatou mandado de segurança dos fazendeiros e considerou inconstitucional o decreto do ex-governador Tancredo Neves que declarava serem de utilidade pública 13 mil e 800 hectares da região.

O presidente da Fetaemg, André Montalvão, entende que o governo deve recorrer da decisão, de forma que os fazendeiros não possam vender suas terras, que estariam *sub judice*: "Seria uma forma do governo de Mi-

nas apagar uma mancha que há 17 anos envergonha o Estado" — disse. A derrota do decreto pode agravar o conflito. Os posseiros não abrem mão de suas terras e mesmo antes já haviam rejeitado soluções propostas pelo Inbra, de transportá-los para a Amazônia, e pela Ruralminas, que lhes destinava 9.100 hectares no projeto de colonização do Jaíba.

Está sendo organizada uma caravana de apoio aos posseiros com entidades populares, sindicais, parlamentares e imprensa.

Na fazenda Mato Grande, em Turmalina, 42 famílias estão sendo ameaçadas de morte pelos grileiros José Cordeiro de Castro e Geraldino Luiz Antunes. Representantes destas duas famílias estiveram em Belo Horizonte para queixar-se ao governador e avisar que, se o problema não for resolvido, o jeito é a confrontação. (da sucursal)



Trabalhadores rurais de Janaúba protestam contra a Codevasf; ao lado posseiros de Cachoeirinha, local de conflito